

MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira

Abril de 2017

Vivaldi Moreira,
o presidente perpétuo da Academia

Fernando Sabino,
o menino que escrevia

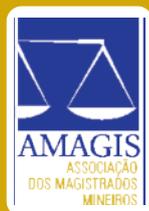
O erotismo das orquídeas

E MAIS:

Nicolau Copérnico, contos, crônicas e poesia

17

SUMÁRIO



CAPA

Sede da Academia Mineira de Letras, o 'Palacete Borges da Costa', na Rua da Bahia, em Belo Horizonte, foi residência e consultório do médico cirurgião Eduardo Borges Ribeiro da Costa. O imóvel, projetado pelo arquiteto Luiz Signorelli, é tombado pelo Iphan / MG, que o considera "um dos melhores exemplares da arquitetura residencial dos primeiros anos da capital".



A casa foi doada à Academia pelo governador Hélio Garcia, em 1987, em comodato posteriormente convalidado pelo governador Newton Cardoso. Depois de reformado, o solar foi reaberto em setembro de 1988.

[Leia mais a respeito no texto sobre a AML, nesta edição.]

A **quarela** é de Sandra Bianchi.

CONTO

O enterro do coveiro

Renato Jardim

4



A Ceia dos Energúmenos

Renato Zupo

6



CRÔNICA

O juiz e a vaca

Maria Elisa Chaves Machado

12



Santidade irrelavada

José Fernandes Filho

14



HOMENAGEM ESPECIAL

Vivaldi Moreira

Livros levam o menino da Fazenda do Tanque à Academia Mineira de Letras
Gutemberg da Mota e Silva

16



Dia feriado*

Vivaldi Moreira

22

Fundada em Juiz de Fora, Academia ficou 25 anos sob o comando de Vivaldi Gutemberg da Mota e Silva

23



LITERATURA

Fernando Sabino, o menino que escrevia

Rogério Medeiros Garcia de Lima

26



POESIA

Duas estrelas

Christiane de Almeida Alvim

34



Dois poemas

José Maria Vieira Starling

35



Três poemas

Llewellyn Medina

36



Poembiamental para Lavras Novas

Amaury Silva

37



Sons de amor

Elson de Paula e Silva

38



Felicidade clandestina

Fernando Armando Ribeiro

39



HISTÓRIA

A grandeza esquecida de Nicolau Copérnico

Luiz Carlos Biasutti

40



ENSAIO

A flor de Eros

Carlos Roberto Loiola

44



EDITORIAL

A solidão como companhia

Por mais bem documentada, informada e assessorada que seja, toda decisão judicial será sempre, em última instância, uma opção solitária, de foro íntimo, do julgador. Mais ainda quando ele, por dever de ofício, encontrar-se distante de suas origens e de sua família.

É essa solidão, presente em grande parte do ofício e da vida dos magistrados, a personagem de dois dos textos que compõem mais esta edição da nossa revista, que galhardamente já se aproxima de duas dezenas de números, consolidada no seio da magistratura mineira.

Em um dos textos, a viúva de magistrado, certamente refletindo experiência própria, relata a saga de um juiz mineiro 'exilado' em plagas gaúchas e que encontra amparo para sua solidão em uma prosaica vaca que vem pastar à sua janela. O relato dessa pensionista, aliás, inaugura novo espaço da revista, que passa a acolher também textos de pensionistas associadas.

Em outro sensível texto ficcional, experiente juiz aborda a solidão sob a perspectiva da morte de um coveiro, acompanhado unicamente de seu fiel cachorro.

São textos assim, essencialmente humanos e sensíveis, que nos recompensam pela continuada edição da *MagisCultura*, sempre incorporando novos autores e refletindo, mais que o conhecimento, o sentimento de nossos colegas.

Boa leitura!

Maurício Soares
Presidente

MagisCultura

Mineira

Amagis - Diretoria Triênio 2016-2018

Presidente: Desembargador Maurício Torres Soares

Vice-presidente Administrativa: Juíza Cristiana Martins Gualberto Ribeiro

Vice-presidente Financeiro: Desembargador Alberto Diniz Junior

Vice-presidente de Saúde: Juíza Luzia Divina de Paula Peixoto

Vice-presidente do Interior: Juiz Antônio Carlos Parreira

Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Juiz Ricardo Torres Oliveira

Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Juiz José Martinho Nunes Coelho

Diretor-secretário: Juiz Christyano Lucas Generoso

Subdiretora-secretária: Juíza Rosimere das Graças do Couto

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

Conselho Editorial: Juiz Renato César Jardim (presidente), Desembargador Gutemberg da Mota e Silva, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Jornalista e Escritor Carlos Herculano
Editor Responsável: Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)

Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel G. Magalhães (rachel@belohorizonte.com)

Ilustrações: Sandra Bianchi

Impressão: Rona Editora

Tiragem: 2.300 exemplares

Envio de textos para publicação: leia normas na terceira capa



O enterro do coveiro

Renato Jardim

Juiz de Direito em BH

“**A**gora é silêncio...
É o silêncio que faz a última chamada...
É o silêncio que responde: - Presente.”

(“Oração Ante a Última Trincheira” – Guilherme de Almeida).

Ninguém compareceu ao enterro do coveiro.

Cúmplices da radiosa manhã, andorinhas acrobáticas conhecedoras das migrações voavam a liberdade, aclarando caminhos com rasantes sobre a modesta construção da Santa Casa de Misericórdia, após saírem da morada temporária nas velhas estruturas da capela do cemitério, num contínuo vai e vem. O corpo de Austregésilo Batista dos Santos, o coveiro, saiu para o enterro em modesto caixão de pinho levado por uma carroça puxada pelo burro Segredo, velho conhecedor do rotineiro trajeto.

O repicar dos sinos da matriz anunciava a missa dominical das nove, repleta de teóricos. O corpo foi levado diretamente para o sepultamento, sem velório ou missa de corpo presente. O morto não tinha parentes. Enterrara os pais e a única irmã, sua madrinha de batismo, e mais recentemente o sobrinho e afilhado, derradeiro laço afetivo e consanguíneo arrancado precocemente de seu convívio. Austregésilo Sobrinho sempre indagava ao tio, único coveiro da cidade, quem um dia iria enterrá-lo, assim como as crianças costumam perguntar quem prende o policial bandido ou quem julga o juiz. Ouvia em resposta: “*para tudo se dá um jeito*”.

Na verdade, quase ninguém compareceu ao enterro.

Sansão, depois do plantão sem folga na porta do hospital durante os 40 dias de internação do amigo esteve presente naquele momento. Se racional fosse, lembraria de um outro idêntico. Após a morte de seu antigo e também fiel amigo foi morar no cemitério ao lado do túmulo, como se ali achasse a solução para sua dor. Um comportamento nada humano. O coveiro, vendo nas manhãs e noites frias o apego de um amor irracional em seu quintal, encontrou ali a companhia mais importante de sua vida.

Austregésilo dedicou quase toda existência no trabalho de plantar corpos, sementes de longa germinação de efêmeros fogos-fátuos e nada mais. O fogo das frutas podres. Era o que dizia o pai, de quem seguiu os passos junto ao departamento de necrópole do município. Morava no porão da sede administrativa do cemitério, localizada no alto de uma colina, de onde se via num grotão a diminuta cidade, na afetuosa companhia de Sansão. Nas décadas de trabalho no cemitério a fama de conversar com os mortos o fez recluso, o próprio silêncio. Não era um mero cavador de buracos na terra, a força de seus braços abrindo os espaços para os sepultamentos. Cuidava dos túmulos, retirava as corbelhas de flores secas e vivia na caça dos escorpiões, abundantes nas friezas marmóreas das tumbas. Depois de matar os indesejados artrópodes levava-os aos montes para servir de alimento às andorinhas, colocando os cadáveres peçonhentos nas estruturas de madeira do telhado da capela. Colecionava as faixas das inscrições das coroas e gostava especialmente de uma: “ao melhor amigo do mundo”. Sobre ela, guardada entre as outras

numa enorme caixa de papelão, meditava sempre e concluía: “no dia de sua morte, se Sansão soubesse escrever, aquela seria a frase colocada na imaginária coroa presenteada por seu leal amigo”.

Austregésilo era o prefeito da cidade dos mortos. Dele era o último trabalho dado por um homem.

Desde os 17 anos e até os 68 nunca deixou de fazer um enterro na cidade. Enterrou prefeito, padre, grão mestre da maçonaria, jovens, velhos, muita gente importante e não importante. Muitas vezes pensava: “gente importante não vai a qualquer lugar, mas o cemitério é lugar para onde todos vão um dia, querendo ou não, gostando ou não. O lugar dos que nasceram para morrer”. Enterrou gente de todas as famílias da cidade.

Anos a fio, sempre sentiu a dor dos enlutados. O sofrimento das mães de semblantes lívidos e exaustos despedindo-se dos filhos carregados em seus ventres. Os filhos órfãos dados ao destino para crescer com a memória viva de seus pais enterrados. Envolvia-se nas constantes privações do amor de entes queridos tapados pela terra vermelha da região. Sentia, e por isso evitava olhar os semblantes dos tristes. Olhos na terra, na pá e nada mais. Mas no enterro do assassino de Austregésilo Sobrinho sentiu, sim, certo prazer de vingança. Naquele dia a dor dos lutuosos era o seu conforto. Na verdade, o seu território era um lugar de verdades e mentiras. Lágrimas verdadeiras e falsas, ambiente recheado de remorso, dor, interesse e até de alegria. Era difícil interpretar, mas a dor de um consternado, sem verter nem uma lágrima sequer, muitas vezes se sobrepunha à do falso e interesseiro pranteador. Sobre as lágrimas de crocodilo, inspirado em Sansão, pensava sempre: “*são os tais amigos cachorros*”.

A cada sepultamento, já no aconchego do porão, dizia sempre a Sansão: lá se foi mais um sanar, ou não.

Além do cão, somente o servidor braçal da companhia de obras, encarregado de cavar os buracos para colocações de postes da cidade, ali improvisado de coveiro, participou da cerimônia, se assim se pode chamar aquele desprestigiado momento lúgubre.

Sem exéquias, produzindo um som oco no simplório caixão, a terra cobriu de vez o coveiro. Enfim, as coisas não acontecem só com outros.

Foram muitas batalhas até aquela última e definitiva trincheira. Apesar de muitas vezes bela, a vida é fugaz como o azulado fogo-fátuo. O homem vem à luz e nela vai para a escuridão.

Os sinos da matriz, depois da missa, repicavam na serena manhã de domingo, quando o alto falante dos malsinados anúncios fúnebres noticiou a morte de Austregésilo Batista dos Santos. Sem saber quem era o tal Austregésilo, as beatas seguiam para o preparo dos ágapes dominicais.

Austregésilo vivera sem ser notado, e talvez ninguém iria sentir a sua falta.

Naquele tarde as andorinhas migraram para uma nova jornada.

Não havia sons de lamentações ou de choro no cemitério.

O silêncio – sepulcral – fez a chamada, e o silêncio respondeu: *presente!*

Em seguida, um lamuriante uivo de desamparo.



A Ceia dos Energúmenos

Renato Zupo

Juiz de Direito em Araxá

Abelardo não gostava de apelidos e, como sempre acontece nesses casos, acabou ganhando um quando ainda era criança e que o perseguiria por toda a vida adulta: Belau. Qualquer semelhança com "Bilau" era tratada às gargalhadas pela gurizada de sua infância e, depois, pelos colegas de faculdade e de repartição pública. Bilau, ou melhor, Belau, depois de adulto se tornou escriturário, uma profissão que existia antigamente e que era uma espécie de subchefe do subchefe de um setor burocrático qualquer do governo. Trabalhava de camisa social e gravata à moda dos gerentes de bancos, batendo carimbos e afetando importância aos mais subalternos ainda e ao público em geral. Tentara ser simpático na adolescência, sem êxito. Leitor compulsivo de índices, resenhas e prefácios de livros, achava-se um gênio que jamais fora e com isso não ganhou seguidores, mas antipatizantes. E uma mania que o perseguiria até o final dos seus dias, um transtorno de comportamento que nenhum psiquiatra resolvia: Belau era viciado em frases feitas de gente famosa, aforismos e ditos populares, que recitava o tempo inteiro e em meio a qualquer conversa, com o chefe, na mesa de bar e com namoradas, e mesmo nas solenidades mais formais em que se cometia a tolice de lhe conceder a palavra.

Prestes a receber seu diploma, enquanto aguardava nos bastidores ao lado dos colegas de faculdade, constritos e com aqueles chapéus quadrados na cabeça, vaticinava:

– *Alea jacta est! A sorte está lançada.*

E sorria ao grupo que o desprezava, arrematando: – *Júlio César, imperador romano, falava isso!*

Porque Belau também dava nome aos bois, nominava seus citados, fazendo-lhes justiça. Só faltava mencionar suas fontes, mas aí o internariam. Passara a ser tido como um insuportável devorador de livros, sabichão cabotino, rato de biblioteca, decorador de índices e de dicionários. Estes eram os epítetos menos desairosos e mais publicáveis que cercavam sua pessoa, porque aquele hábito surgido na adolescência e que o acompanhava por toda a vida, no início engraçadinho, acabava bastante maçante aos seus circunstantes.

Queriam que o Belau prestasse o concurso do Itamaraty. Sua mãe era particular entusiasta dessa idéia, mas nosso maníaco por aforismos foi logo desconversando a todos:

– *Não quero ser diplomata!* E empertigava-se, como de hábito, para a citação:

– *Um diplomata é um sujeito que pensa duas vezes antes de não dizer nada.*

– *E quem é que disse esse absurdo?*, indagava o pai, o único ainda com alguma curiosidade pelos ditos do Abelardo.

– *Anônimo*, sentenciava o filho, e acabava-se a questão.

Os pais acompanharam-no em suas desditas enquanto tiveram saúde, o que foi breve. Após o início da vida adulta de nosso herói, ele acabou preterido pela sorte ao enlutar-se no curto período de três meses diante da morte subsequente de ambos os genitores. Primeiro seu Gaudêncio, o pai, de uma angina abrupta que não lhe deixara tempo para testamentos. No velório, da beira do caixão, declamou para o desespero da mãe e da parentada:

– *Ali jaz ele, vestido de cipreste, recebendo a fina flor dos germes. Dorothy Parker.*

Quando foi a vez da mãe, dona Ermelinda, que primeiro acamou-se por conta de um enfisema agravado pela viuvez, nem a ela poupou de suas gafes insensatas:

– *A mãe é o pior inimigo do homem. Ziraldo.*

A dupla orfandade fizera-o ainda mais solitário. Desde cedo repellido, restavam-lhe sempre e só os entes queridos, por menos que queridos fossem, porque família não tem como correr da gente. Pelo menos não escancaradamente. As visitas e telefonemas entre Belau e os parentes foram minguando enquanto lhe chegava a fase madura, a idade da razão que nunca haveria de possuir. E não era para menos. Em meio aos membros de sua consanguinidade, Belau já perdera as estribeiras de seus ditos cada vez mais incômodos:

– *Não há época mais feliz na vida de um homem do que depois de seu primeiro divórcio. John Kenneth Galbraight.* Dizia ao tio recém-divorciado e muito infeliz.

– *Políticos prometem construir pontes até onde não há rio. Nikita Krushev.* Avisou ainda antes das eleições ao tio candidato a vereador.

– *Pelo jeito que a coisa vai, logo o terceiro sexo estará em segundo lugar. Sérgio Porto.* Informou pedagogicamente à prima lésbica e saída do armário.

É claro e evidente que seus atropelos e alvoroços descambavam para a vida afetiva quase inexistente. Fora as putas e empregadas domésticas que na época todo mundo traçava, Abelardo tinha uma séria e explicável dificuldade de encontrar alma gêmea – porque ele, convenhamos, era inigualável em seus arrufos intelectuais. Aliás, era difícil encontrar qualquer mulher que lhe aguentasse a homérica e já lendária chatice.

Desde a adolescência cortejava a vizinha, assanhando-se quando a bela passava espevitada para um mero passeio à padaria. E adulava:

– *A mulher foi o segundo erro de Deus! Nietzsche.*

“No final das contas,
coube ao nosso amigo
Belau a solidão
deprimente e comum
àqueles arrogantes que
destoam do restante
da humanidade por
seus defeitos, que
consideram qualidades
indiscutíveis
somente enxergadas
pelos próprios.”

A vizinha não entendia, achava que a frase terminava em um espirro e lhe desejava saúde. Depois, foram as colegas de faculdade, que torturava com seus ditos incoerentes e fora de contexto em todo intervalo de aula. Tudo bem, desde que não bancasse o romântico, e até que se apaixonou por uma colega mais velha, divorciada, mãe de um filho. Fazia-lhe a corte do jeito que sabia, e o jeito que sabia não prestava:

– *Mulher e livro* – emprestou, volta estragado. *Stanislaw Ponte Preta!*

Quase tomou um tapa na cara e teve que procurar outra pobre coitada que lhe suportasse. Até achou uma colega de serviço, bonitinha, quase feia, que teimava em considerá-lo inteligente. Belau era todo sorrisos com a moça em festas, cinema, casa de parentes dela. Excitado pelos elogios constantes, não parava de recitar seu fraseado esnobe e inconveniente:

– *Meu animal favorito: o bife. Fran Lebowitz*, quando ia comer na casa da sogra.

Ou: *O amor é a ilusão de que uma mulher é diferente da outra. H.L.Mencken*", isso quando respondia aos amigos se gostava ou não da namorada.

É claro que a acidez de verve chegou pouco a pouco a entupir a paciência da já então noiva do Abelardo. A moça insistiu para que ele se tratasse. Ah! Pobrezinha. Ainda aguentou esta:

– *O sujeito que vai ao psiquiatra devia mandar examinar a cabeça. Samuel Goldwin.*

No final das contas, coube ao nosso amigo Belau a solidão deprimente e comum àqueles arrogantes que destoam do restante da humanidade por seus defeitos, que consideram qualidades indiscutíveis somente enxergadas pelos próprios. E foi assim que ele trotou, como convém aos burros, até o início de uma meia idade que prometia ser deprimente e besta.

Só que Abelardo não contava com a Gildinha, e nem ela com ele. E vice-versa. Gildinha, aliás, Maria Gilda, nascera dez anos depois do Belau, filha de um professor de universidade que se dizia torturado durante a ditadura e de uma professora de piano. Desde a alfabetização lia tudo que lhe passava à frente, de histórias em quadrinhos a receitas de bolo, passando por aqueles clássicos da literatura infanto-juvenil que todo mundo leu e quase ninguém lembra. Na adolescência, descobriu a maconha, o amor livre, o rock e a contracultura, com toda aquela literatura panfletária que tanto seduzia nossos jovens em um passado próximo. Perdeu a virgindade em um acampamento hippie, experimentou maconha com um namorado cabeludo e LSD com uma namorada, na primeira e única experiência lésbica de sua vida. Descobriu que ser gay não era para ela, já bastava ser de esquerda, o que era intensamente, mesmo que tenha descoberto que a única tortura sofrida pelo pai nos anos de chumbo da ditadura militar tenha sido passar uma tarde no corredor do Dops porque fora pego panfletando textos anárquicos no prédio da Engenharia da UFMG. Tortura era tortura, e pronto, valia o que se divulgava!

Gildinha viajou duas vezes para Cuba, a primeira aos 17 anos. Tentou fazer curso de guerrilheira, mas então o povo daquela simpática ilha caribenha já não estava mais interessado em guerrilha, mas em se manter vivo e não morrer de fome. O que mais viu foram prostitutas vendendo o corpo e gente con-

trabandando charutos, tudo escondido dos fiscais do governo revolucionário, que estes nunca deixaram de existir. Ainda tentou voltar a Cuba mais uma vez, ao menos para conhecer um Fidel recém-aposentado, mas nem dando para o ordenança dele conseguiu chegar perto. Restou para ela a resignação de ter nascido umas duas décadas atrasadas e de ser obrigada a conviver com as consequências drásticas da queda do muro de Berlim em sua concepção enevoada e daltônica do mundo.

Enquanto planejava visitar a Venezuela tão logo conseguisse patrocínio, descobriu que lhe faltava grana onde sobravam sonhos. Foi obrigada a trabalhar porque o pai torturado de araque enfartou e morreu e à mãe restou a pensão do finado que mal suportava pagar o aluguel do apartamento de dois quartos na zona sul da capital, luxo do qual a filha não abria mão porque era na zona sul que as pessoas tinham "cabeça aberta" e suportavam melhor "a hipocrisia da direita".

Eram seus chavões, e muitos outros, que a tornavam insuportável. E aquela mania de vaiar até velório. Nada escapava de seu olhar enviesado de comunista tardia. Quando o Brasil ganhou a Copa do Mundo, disse que era um complô das elites para ocultar a ditadura econômica em que vivíamos tutelados pelo império americano. Quando perdemos a Copa, disse que nos vendêramos a este mesmo capital econômico, penhorando o único desporto que ainda agregava nossa cidadania perdida. Gildinha espalhava bolinhos de gente conversando em festas, calava o mais prolixo dos professores ou oradores com suas interrupções acaloradas, partia para debates impossíveis com trocadores de ônibus e caixas de supermercado, maldizendo o mercado cafajeste que aquinhoava tantos com tão pouco e segregava em guetos de subserviência consumista aqueles que não se adequavam ao sistema!

Era mesmo difícil compreendê-la e quase necessário legendar o que dizia, porque vituperava rápido, sacudindo o dedinho acima do seu nariz e a um palmo de seu metro e meio de pura rebeldia. Não que fosse feia. Era mignon, lindinha, a típica intelectual de óculos que todos já quisemos comer na faculdade, com uma bundinha mal disfarçada em jeans rasgados e seios teimosamente adolescentes ocultos por camisetas de movimentos sociais, dos quais ela participava amiúde. Estivera em todas as grandes passeatas desde a adolescência, praticamente fora uma precursora dos black blocks, foi presa e solta algumas vezes e era perita em ocupações de campus universitário, ministérios, escolas. Como fazia para conciliar seu cotidiano incessante de panfletagem, bombas de gás lacrimogêneo, tomates e ovos podres, megafones e vaias e uivos de insatisfação com quase tudo que andava, respirava, sorria ou chorava?

Muito simples. Gildinha logo cedo passou em concurso público para a prefeitura de uma cidadezinha metropolitana, onde vivia de atestado médico e cabalava serviço meses a fio. Dizia que era melhor assim, para defender o proletariado acovardado diante dos grandes empresários e do capital intimidatório, e era assim que aplacava sua consciência culpada de servidora pública inconstante e bissexta. Chegou mesmo a se tornar assessora de um vereador vermelho da capital e assim, por um período breve, acumulou salários – época em que tentou criar uma fundação para proteger exilados e presos políticos. No entanto, não encontrava freguesia para seus sonhos marxistas e acabou mandando a mão na cara de um repórter mais atrevido que lhe perguntara sobre a derrocada socialista nos bastidores do palácio do governo. Além disso, está nos anais do legislativo mineiro sua cena batendo boca com a líder do movimento das

feministas donas de casa, tão barraqueira quanto ela. Foi o que bastou para que fosse convidada a demitir-se, e assim voltou à rotina de atestados médicos, doenças inexistentes, passeatas e viagens para acampamentos alternativos de organização da resistência à ditadura do capital em detrimento dos burgueses, filhinhos de papai e filhotes da ditadura.

O mundo para Gildinha era muito simples. Preto ou branco. Gordo ou magro. Claro ou escuro. Ou se era um esquerdista revolucionário, atuante, marxista e leninista, ou se era um retrógrado, reacionário e filhote da ditadura militar. Ninguém convivia com ela por muito tempo, mesmo as amigas mais chegadas, porque ao primeiro sinal de "burguesia" no vestuário alheio, nossa amiga estrilava e criticava veementemente a colega que se rendia às imposições da moda dos países imperialistas. E os namorados? Quase só duravam até a alcova, porque já no famoso cigarrinho de depois do expediente vinha ela com a ladainha de que seria necessário modificar as relações entre os gêneros para impedir a proliferação do machismo e o escrutínio da moral pública sexual feminina, e blá, blá, blá... Ela era vítima de muitos espertinhos que lhe aturavam a verborrêia comunista ininterrupta até a primeira transa, e não havia a segunda, e logo sumiam contando piadas sobre a tiete de passeata que haviam traçado.

Se existia alguma sintonia entre Gildinha e Belau, era só na chatice. Eram tão inconvenientes que, cada qual em seu grupo social, se tornaram lendas inesquecíveis, tornando inevitável que em algum momento um amigo comum entre ambos os ligasse umbilicalmente. Esse cara era o César, ex-cunhado do Belau e que no fundo gostava de ir tomar umas cervejas com ele e ficar rindo de seus ditos inconvenientes. Também era namorado da prima de Gildinha e já havia sofrido diversas vezes com suas evocações fundamentalistas, a tal ponto que aprendera a não puxar conversa com ela em hipótese alguma e a procurar sair de perto e não render prosa caso fosse ela a tomar a iniciativa do papo – o que absolutamente todos aprendiam, mais cedo ou mais tarde, quando o assunto era lidar com a Gildinha.

O possível encontro entre Belau e Gildinha surgiu de uma brincadeira de mesa de bar quando César e a namorada Judite, já bêbados e na companhia de dois irmãos dela, tocaram no assunto da militante de esquerda mais repulsiva de que se tinha notícia. A dúvida era: haverá alguém pior do que ela, mais chato, que cometesse gafes sucessivas, o tempo todo, como uma metralhadora giratória de sandices?

César, inebriado, levantou a mão, como um aluno juvenil em sala de aula pedindo ao professor para ir ao banheiro. Ele conhecia o cara, era o Belau, o cara dos ditos, indecorosamente inconveniente, aquele que não conhecia "simanco" ou "desconfômetro", o que se achava intelectual e espirituoso, o principal espalhador de grupinhos em festas que, ele, César, já conhecera em toda sua vida. A informação foi impressionante, ninguém queria acreditar, caçoaram agora do próprio César, até que alguém, provavelmente a namorada que nutria curiosidade em conhecer o tal sujeito das frases feitas, teve a brilhante idéia: vamos apresentá-los e ver como é que fica! A sugestão foi daquelas a retumbar na mesa de bar e desvirtuar doravante e por horas o tema da conversa, que passou a tratar minuciosamente dos planos para unir aquelas duas figuras em um encontro inusitado e ver qual deles engolia o outro, quanto duraria o embate – até com apostas a caminho, enquanto se estudava o melhor plano para colocá-los juntos à mesa.

Combinaram uma ceia frugal de domingo, final de semana seguinte. César se incumbiria de convidar Abelardo, afetando

vontade de botar a prosa em dia com o ex-namorado de sua irmã, aquela mesma que o Belau afugentara à beira do cadafalso... ops! quer dizer, do altar. E com a vida social de lixo dele, convites como aquele eram mais raros do que desfile de escola de samba em cemitério. Portanto, claro que aceitaria, como aceitou. Coube à namorada do César convidar a prima Gildinha, avisando-lhe que o encontro era uma espécie de sarau para discutir a visão marxista de Eduardo Galeano pré-queda do muro de Berlim, com gente que gostaria muito de ouvi-la dissertar sobre um assunto assim tão instigante para um fim de noite de domingo em que ninguém tinha, mesmo, nada pra fazer. Pronto, Gildinha também iria.

Combinaram cervejas, tira-gostos e acepipes prévios a uma macarronada com frango, comida tradicional de domingo, lá no Antonio's, bar e restaurante que já enfrentara dias melhores e que hoje, decadente, era obrigado a ceder seu salão para pequenos grupos de gente entediada e reuniões de trabalho pós-expediente, tudo em troca do consumo dos convidados que, no caso daquele bando de brincalhões, eram César e Judite, prima de Gildinha, Alfredo e Sérgio, dois irmãos de Judite – um contador e um jornalista de esportes, ambos falantes e bem humorados. Já conheciam a Gildinha, queriam conhecer o Belau!

E lá veio ele quando o restante da mesa já estava na terceira cerveja. Sorridente, quarentão, ficando careca, barriguinha de chope, mas o mesmo senso de humor da Alemanha do entre-guerras:

– *Bebo para tornar as outras pessoas interessantes! George Nathan.*

Foram apresentados rapidamente e César foi abençoado por mais um dos ditos do Belau:

– *Com o tempo, qualquer amigo muito próximo e querido acaba se tornando tão inútil quanto um parente. George Ade.*

Então os demais sentiram o espírito da coisa e se refestelaram, aguardando a chegada triunfal da outra convidada ilustre do evento, saboreando cada segundo das inconveniências do Belau até que surgiu Gildinha de vestido rodado que lhe ficava bem, mas com um xale com a bandeira de Cuba bordada, para não perder sua essência socialista e para que não se esquecessem de sua proverbial antítese burguesa. Todos a conheciam, menos Abelardo, e coube a César fazer a apresentação histórica:

– *Gilda, este é o Abelardo, meu amigo. Abelardo, Gildinha, como a chamamos, é prima de Judite. Acho que vão gostar um do outro.*

E aguardou que se sentassem.

Os dois se encararam, cada qual de um lado da mesa grande. Copos de cerveja e garrafas e pratos com azeitona e queijos picados entre eles, que tanto poderiam servir como antepasto lúdico de um encontro promissor, como também campo de batalha onde jazeriam os restos mortais das vítimas da carnificina verbal que aquela noite poderia também enunciar. Não se falaram. Olharam-se, beberam e brindaram, até que o Belau perguntou a ela no que trabalhava.

– *O trabalho é uma forma de alienação das massas, amigo – sentenciou, cravando-lhe os olhos penetrantes como adagas. – Procuo me abastecer de meios para travar o bom combate diante da grande revolução de classes que se avizinha. Esse tipo de evento, para mim, é apenas uma quebra de protocolo. O*

socialista não conhece amenidades! Será que servem rum aqui? Um bom rum cubano não haverá de existir, por conta do embargo econômico daqueles ianques “filhasdaputa”, mas na falta dele qualquer outro serve. Me evoca a Sierra Maestra!

Na verdade lhe evocava outras coisas, os namoradinhos barbudos que tivera em Cuba tentando entrincheirar Fidel e aqueles outros, hippies fora de época, que a convenceram na juventude recentemente ultrapassada a fumar maconha em algum regato de acampamento da Serra do Cipó. Para Abelardo, pouco importava, aproveitou a deixa e tascou:

– *O objetivo do socialismo é elevar o nível do sofrimento! Norman Mailler. – preconizou, olhando-a e sorrindo.*

Fez-se um silêncio vetusto na mesa. Um silêncio, digamos assim, sólido, se é que me entendem. Poderia ser mastigado e deglutido, denso como ficou à espera da espinhação, da explosão da cólera da Gildinha. Ela realmente ficou mais vermelha que a bandeira de seus guias e líderes, pasma por algum tempo, como se a avaliar se aquele homem era louco ou queria mesmo morrer com um garfo enfiado na garganta e procurava apenas provocar a pessoa certa. César olhou para a mulher como se a indagar se aquela fora mesmo uma boa idéia, enquanto os irmãos de Judite davam bicadas em seus copos, sofregamente, aguardando o próximo capítulo da trama. Estavam como duas crianças comendo pipoca na fila da frente do cinema, assistindo a um drama que não lhes atingia, embora divertisse. Gildinha resolveu, no entanto, alimentar um pouco mais aquele estranho ser, ver onde acabaria seu non sense. Preferiu indagar:

– *Alguma coisa contra o socialismo, camarada? Assistiu tanto lixo na TV que não consegue diferenciar um mundo livre de uma pátria governada por tiranos e habitada por títeres? – e virou a dose de rum que finalmente lhe chegara à mesa. Virou-a como um homem, de um gole só e sem fazer careta.*

– *Vi que gosta de beber. – respondeu Belau, sorrindo. – A humanidade está sempre três doses de uísque atrasada. Humphrey Bogart.*

– *Por quê? Você não bebe? É daqueles filhinhos de papai que malham em academia cara e mastigam chicletes americanos e assistem filmes enlatados se envenenando com comida descartável? O álcool é muito mais autêntico, homem! Mais viril. Precisamos de sangue nas veias para vencer a pasmação do sistema retrógrado que nos mantém cativos ao american way of life, o verdadeiro demônio a assombrar nosso desenvolvimento.*

– *Bebo sim. Aliás,... – e preparou-se para outro chiste: – Uma mulher me levou a beber – e eu nem ao menos lhe agradeço por isso. W.C. Fields.*

Aí todos riram. A coisa desanuviou um pouco. Gildinha quase riu, semi-riu, enterriu, se é que existe isso em língua portuguesa. Digamos que seu cenho tenha se suavizado um pouco, mas ainda estava desconfiada quando pediu outra dose de rum. Qual era a posição política daquele janota, afinal de contas, ou era um retardado e sua prima estava gozando sua cara ao chamá-la para aquele circo, aquela pândega?

– *Estou vendo que gosta bastante de citar americanos. É daqueles babacas conservadores que amam o Tio Sam, adotam os Estados Unidos como segunda pátria e procuram imitar todas as macaquices daquele povo imperialista e asqueroso. Imposições*

capitalistas fomentadas na cultura de massa e no cinema repleto de baboseiras, efeitos especiais, tudo torrado com o dinheiro que as grandes corporações arrebataam da mais valia retirada do terceiro mundo.

Belau não entendeu nada daquilo, só o "conservador". Deixa pra ele, que não poderia perdê-la:

– *Conservador, eu? Não. Um conservador é um homem com duas pernas perfeitas, mas que, infelizmente, nunca aprendeu a andar pra frente. Franklin Delano Roosevelt.*

Aí ela sorriu. O sorriso de Gildinha era tão raro que quase ninguém se lembrava dele, e em como era bonito e marcante. Encantava a noite, porque ela não era de premiar ninguém com seu bom humor. Até para transar, era daquelas mulheres que faziam com raiva, vencidas diante da impotência de resistir aos próprios hormônios. Seu sorriso era lindo e iluminou a todos, principalmente Belau, sarcástico:

– *A mulher só conquista quando se faz de presa. Simone de Beauvoir.*

E estendeu os braços por cima da mesa, pedindo-lhe as mãos para um primeiro contato físico.

– *A mulher de Sartre! Então você já leu o mais socialista dos filósofos franceses! – e apertou-lhe as mãos. – Há salvação para você, amigo. Só precisa deixar que lhe mostrem o mundo pelos ângulos certos, e não aqueles predeterminados pelos nossos antepassados tribais.*

Belau, que só lia aforismos e resenhas, pasmou quieto quando chegou a comida, esperando poder agradar mais ainda a moça, mas já em uma época que sua boca não era sua e não se aguentava fechada quando lhe vinha a deixa de algum fraseado. Serviram-se e foi o Sérgio, o jornalista, quem quebrou o silêncio, lembrando a Gildinha que os dois eram solteiros e sozinhos e que aquilo era uma coincidência que poderia ser feliz para ambos.

– *O casamento é uma convenção social, Sérgio. E o sexo é apenas uma forma de sossegar a libido e produzir mais membros para a classe operária consciente da luta contra o capital acumulado na mão dos usurpadores. Essa baboseira não me convence, você sabe disso.*

– *O casamento vem do amor, assim como o vinagre do vinho. Lorde Byron.* – pronto, Belau tivera mais um de seus lampejos.

– *Isso! – arremeteu Gildinha. – Que bom que pensa como eu! E onde estava você que nunca nos conhecemos antes? – sorriu de novo. O sorriso dela era mesmo lindo.*

Belau e Gildinha não se casaram logo após e nem muito depois, afinal ela não acreditava numa instituição falida como o casamento e Abelardo não se importava, desde que a mulher de sua vida permanecesse ao seu lado. Todavia, já saíram do Antonio's de mãos dadas naquela noite e jamais iriam apartar-se um do outro, do primeiro beijo ao último suspiro. Gildinha começou a escrever sobre o Brasil para uma revista governamental da Venezuela, custeada por dinheiro da Coréia do Norte, e precisava de Abelardo para revisar seus textos e para uma ou outra pérola de sua ladainha de frases que pudesse ajudar na compostura de suas idéias socialistas. Ele só teve que aprender

“Desde a alfabetização lia tudo que lhe passava à frente, de histórias em quadrinhos a receitas de bolo, passando por aqueles clássicos da literatura infanto-juvenil que todo mundo leu e quase ninguém lembra.”

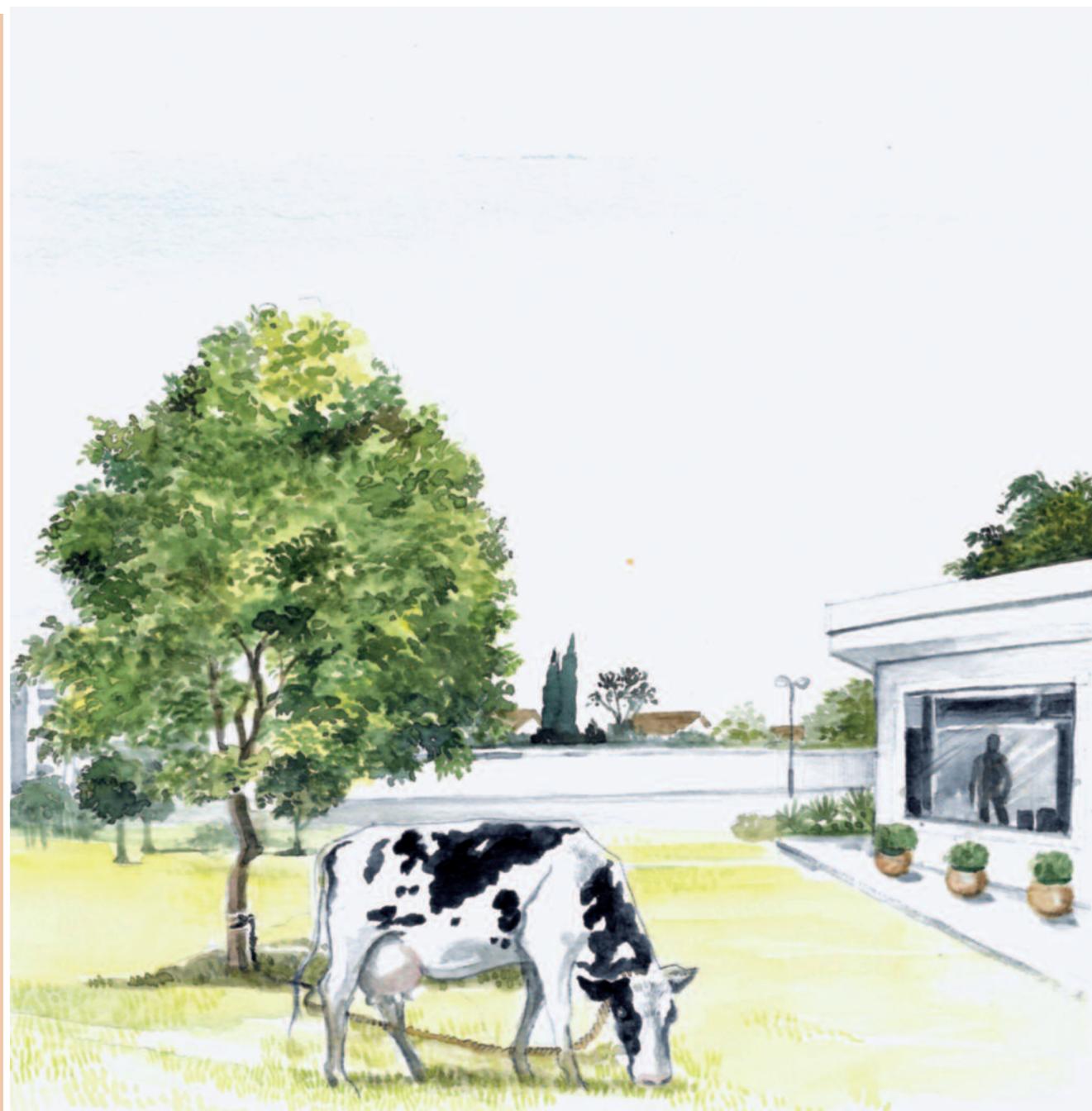
mais aforismos soviéticos de autores do lado de lá da cortina de ferro, mas tudo bem. Com o tempo, foram morar juntos e viajaram pelo Camboja, China e Vietnã em uma aparentemente eterna lua de mel. Tiveram o primeiro filho e logo depois o segundo. Karl e Luis Inácio nasceram saudáveis e prontos para a luta, e César e os demais sempre se perguntaram se seriam eles os padrinhos daquela estranha, inacreditável e aparentemente imorredoura felicidade. Felicidade que o casal comentava, a seu modo:

– *Não há felicidade.* – Gildinha enfatizava. – *Acostumamos a nos resguardar entre as pessoas realmente úteis e sinceras e que se preparam, conosco, para a conscientização das massas em torno do ideal da libertação ideológica. Marido e filhos, aqui, são meus aliados na luta! – ela fazia um estrogonofe de cabra, velha receita búlgara colhida em suas viagens comunistas, enquanto respondia à indagação.*

– *Ser feliz sem motivo é a mais autêntica forma de felicidade. Carlos Drummond de Andrade.*

Arrematou Belau, sorrindo da mesa da cozinha, encarando a esposa e achando-a linda, socialista e dadivosa, prendada e guerreira, terminando de cozinhar o estrogonofe.

Este conto é dedicado a Ruy Castro, brilhante aforista e melhor texto do jornalismo nacional.



A partir desta edição, *MagisCultura* passa a aceitar também trabalhos de pensionistas de juízes e desembargadores, que serão selecionados pelo Conselho Editorial.

O juiz e a vaca

Maria Elisa Chaves Machado

Pensionista, viúva do desembargador Mário Lúcio Carreira Machado

A solidão pesada pairava sobre Triunfo – uma pequena e histórica cidade gaúcha que conheci em 1998. Seus casarios, praças, igrejas traziam o estilo da Ilha de Açores. Percebi a mesma melancolia em um magistrado que viera visitar. Naquele momento, ele abre a janela do seu quarto-escritório e se surpreende ao ver uma vaca no fundo do quintal. Pastava amarrada a uma árvore por uma corda cheia de emendas, de retalhos diversos. Olha indefinidamente aquela cena.

A solidão de quem julga, o distanciamento da família e do estado de origem fizeram com que o magistrado, a cada dia depois de intenso trabalho, só se encontrasse com uma vaca no fundo do quintal. Com ela se alegrava e caminhava na saudade, nas reflexões dos litígios forenses, da vida enfim...

Naquele animal conseguia enxergar a infância na fazenda de seus pais. Bons tempos, “Boitempo”, como na obra de Carlos Drummond de Andrade. No meio do quintal tinha uma vaca... mas não era uma pedra no seu caminho. Era a paz, em meio àquele turbilhão de acontecimentos da política local, que desaguam no Fórum como uma represa de comportas abertas. Era apenas uma vaca, uma companheira da solidão.

Não chegava a ser vaca adorada pelos hindus, mas era muito amada. Nela recaíam suas lembranças mais caras, mais fundas... Não usava bombacha, não tinha sotaque gaúcho, nem sotaque algum, para arrancá-lo de suas imaginárias viagens a Minas Gerais.

Em uma comarca de tantos paradoxos, a presença desta vaca não lhe era paradoxal. Ambos viviam presos: ela à sua corda, ao seu dono, ao seu pequeno espaço; ele, ao seu trabalho, à sua comarca, ao seu novo estado dos pampas. Ambos eram absolutamente sós. Enquanto ela buscava alimento próximo à sua janela, ele buscava alimentar-se das lembranças amenas de sua terra natal. Ela buscava as raízes vegetais; ele as raízes da alma.

É importante registrar que a pequena cidade da Grande Porto Alegre tinha as características de cidades do norte do país. Não obstante ter a maior renda per capita da América Latina, o 2º polo petroquímico do país, seu povo amargava a miséria, alto índice de analfabetismo. Assistia passivamente a corrupção que estrangulava qualquer possibilidade de progresso existente nas demais cidades do Rio Grande.

A inquietação e angústia vividas diante dessa bruta realidade só podiam ser dialogadas com aquela vaca e as leis nos incontáveis processos que se arrastavam em meio aos inúmeros recursos.

Tudo ficara para aquele jovem magistrado mineiro agilizar e dar um basta àquela antiga e insustentável situação. Foi um pouco do que aconteceu. O antigo prefeito de cinco mandatos, o vice-prefeito, o presidente da Câmara foram todos presos e condenados a ressarcir grande fortuna aos cofres públicos.

Sua mãe lhe dissera: *meu filho, você corre muito perigo! Não tem medo?*

– *Se eu tivesse medo, não poderia ser juiz.*

O estranho era que tudo ali fugia ao usual. A prefeitura desdobrava-se em outros seis órgãos (subprefeituras) na periferia

urbana, o secretariado era bem maior de que o do estado Rio Grande do Sul e com um número gigantesco de cargos comissionados e funcionários fantasmas.

Naquela manhã assistira ao pitoresco quadro que se repetia na primeira semana de cada mês – fechava-se o quarteirão de acesso ao Banrisul, onde uma fila indiana de funcionários fantasmas recebiam seus vultosos salários.

Era o Brasil com sua desigualdade econômico-social e a corrupção minando os diferentes órgãos da Administração Pública.

Ali era realmente o retrato do país, esse continente com um potencial maior de que o de muitos países europeus reunidos, corroído pela incauta corrupção. Causava perplexidade tamanha riqueza tão mal administrada, tão distante do bem comum, tão distante do povo triunfense.

Aquela cidadezinha do Sul do país que deveria ser a pequena Mônaco brasileira, ostentava índices e calamidades semelhantes aos mais pobres municípios do Nordeste brasileiro.

Casos e casos eram contados inocentemente pelo povo do lugar. O poder e o dinheiro, o dinheiro e o poder, que são uma coisa só, resultavam em casos pitorescos. Daquele extremo sul do país, o prefeito falava diretamente com o planalto em Brasília. Os vereadores, diziam eles, o lugar mais próximo que viajavam para seminários com seus pares era Miami e outros de realidades tão semelhantes da que representavam... Outro feito que merece registro é o de que o prefeito depois de conhecer a Brasília de Niemeyer resolveu transformar a principal praça do município, construída pelos colonizadores açorianos. Não fora tombada pelo Iphan. Só vendo no que a transformou... “*Mundo, mundo, vasto mundo...*”

Por que certos homens, certos governantes têm a mania de se acreditar Deus, não obstante estarem sob comando do Demo ao demolir a história, as tradições, as raízes de um povo? Homem, sempre o homem, o grande predador? Por que não deixam o registro da história e constroem em terrenos baldios outras obras que pretendem marcar a sua grandeza no caminhar do poder? Que país é este, meu Deus? Só exclamando como Castro Alves: em seu *Navio Negreiro*:

(...) Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus,

Se eu deliro... ou se é verdade

Tanto horror perante os céus?!...

Ao cair da tarde, enquanto o sol se punha e tudo o mais se acomodava ao seu lugar, acontecia aquele encontro aparentemente ininteligível, estranho, mas muito agradável.

Aquela vaca não lhe trazia à mente os conflitos humanos, as questões sociais presentes nas lides forenses, mas apenas a solidão compartilhada, a saudade revisitada nas raízes tão profundamente fincadas nas Minas Gerais. Vaca gaúcha ou mineira? Havia somente uma vaca na paz silenciosa de um magistrado sozinho no Sul do país.

Um magistrado, as leis, as lides forenses e uma vaca no fundo do quintal.



Santidade irrevelada

José Fernandes Filho

Desembargador do TJMG, aposentado

Existirá alguém que, pertencimento de todos, não se pertence, não me pertence, não lhe pertence?

Alguém ser humano – Maria, Ana ou Isabel – cuja evocação traduza plenitude, completude, paz, bênção?

Alguém, com mil nomes, ou sem nome algum, mais conhecida como flor, aroma, perfume, brisa, fonte, estrela, orvalho, outono?

Alguém, desde o fiat, guardadora de confidências, construtora de diálogos, costureira de silêncios, tecedeira de cumplicidades?

Alguém, mistério ou transparência, unidade ou diversidade, singular ou plural? Alguém que vive depois da morte, a dispensar ressurreição?

A nos acompanhar, ouvir e sentir, desde a concepção? Alguém que aponta caminhos, recusa atalhos, endireita rumos?

Alguém, candeia acesa, que aquece e ilumina, faça chuva ou sobre o vento?

Alguém, jovem ou adulto, vidente do futuro ou cego de nasença, a ver além da aparência, mudo ou surdo, a falar sem palavras, ou a ouvir sem audição?

Seu nome? São muitos. Sua idade? Várias. Sua missão? Fazer o bem. Seu destino? Meu destino. Sua hora? Todas as horas, desde que de testemunhos.

Presentes de Deus, existem, sim, e sempre existirão estas criaturas, enquanto houver terra e promessa. Seres de claridade, quase atemporais, frequentadores de madrugadas-manhã ou de noites de sombras.

Nunca o pretenderam, mas alcançam a santidade, no anonimato de gerações que se sucedem e se perpetuam em outras vidas, filhos e netos, descendência de amanhã.

Não sou digno de declinar-lhes os nomes. Estão nos livros sagrados. Nem de desatar-lhes as sandálias ou de lavar-lhes os pés, leveza de bailarinas ou fardo de muita lida e pouca vida.

Mãos dadas, presentes nas travessias, sorriso aberto ou rosto crispado, a depender da hora e seu sabor. Podem estar em outros locais, nos sacrários, por exemplo, locus de hóstia consagrada.

Outras ausentes, moradoras do longe, mansidão de pombas, arrulhando na eternidade.

Cabelos pretos, grisalhos ou brancos, sinais do tempo, marcas da vida. Abrace-a, beije-a. Ela está onde sempre esteve. A seu lado. De pé, dignidade dos justos; ou de joelhos, humildade dos santos.

“Abensonhadas”, de Mia Couto; “belezuras”, de Guimarães Rosa. Não lhes bastam os sonhos, sonhados com graça e sabedoria. Carecem de entrega maior: aspergem bênçãos, sorrisos e gestos de amor.

Biológicas, algumas. Grávidas de adoção, outras. Todas, na poética de Drummond, a abraçar o mundo, embora só tenham duas mãos.

“Não lhes bastam os sonhos, sonhados com graça e sabedoria. Carecem de entrega maior: aspergem bênçãos, sorrisos e gestos de amor.”



Vivaldi Moreira

Livros levam o menino da Fazenda do Tanque à Academia Mineira de Letras

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador do TjMG, aposentado

“**N**um dia [2] de outubro de 1940 [às 10:20h], o noturno do Rio me despejou na estação da Central, com meu diploma de bacharel, um enorme par de bigodes, 27 anos de idade, quatro caixotes de livros, uma caneta-tinteiro, uma pequena mala com algumas mudas de roupa e uma decidida vontade de me aboletar nesta Capital e dar-lhe tudo, até final de meus dias”, lembrou, em *Perfis contemporâneos e outros escritos* (1982), o jornalista, escritor, sociólogo, ensaísta, crítico literário, advogado e servidor público Vivaldi Moreira, que, ao falecer, aos 88 anos, alcançara talvez mais do que imaginara ao retornar à “província” e, compulsivo comprador e leitor de livros, acumulara cerca de 20 mil volumes, quase todos doados em vida à Academia Mineira de Letras (AML), da qual foi presidente perpétuo.

Esperavam-no na gare, na época muito movimentada, por ser o trem o transporte usual para o Rio de Janeiro, Lauro Gomes Vidal, diretor da *Revista da Associação Comercial de Minas*, e Luiz Carlos de Portilho, advogado, jornalista, colega de ginásio em Carangola e contemporâneo na Faculdade Nacional de Direito, no Rio. Tendo escrito a Vivaldi, sete meses antes, intimando-o a deixar o jornalismo na capital do país e a advocacia no Estado do Rio e no Vale do Rio Doce, para trabalhar com ele na revista, Portilho, já acadêmico, recordou em 2001 sua profética convocação: “Venha para Belo Horizonte. Você precisa, agora, desta cidade e, no futuro, Belo Horizonte precisará de você.” (*Centenário de Vivaldi Moreira – Fortuna biográfica*, 2012, coord. de Pedro Rogério Couto Moreira, filho de Vivaldi).

A influência da “espetacular Madame Santos”

Anos depois, fazendo troça consigo, Vivaldi contou que certo médico dizia haver três tipos de mineiro – o inteligente (o que logo abandona Minas), o heroico (o que aqui nasce e permanece) e o burro (o que sai e volta). “É a essa fileira que pertencço”, por sair e voltar, por “puro amor a Minas” (*Cobras e Lagartos – Prosa vadia*, 2000) e para, como primogênito, amparar a família, escreveu alhures.

Jornalista e escritor, Pedro Rogério, que o sucedeu na Cadeira 38 da AML, confirma isso na *Fortuna*, mas acrescenta terceiro e decisivo motivo. Diz que, trabalhando no computador que fora do pai, encontrou um texto de 19 de abril de 2000, com o título “A espetacular Madame Santos”, extraído de seu diário

““Não há como fugir do lugar-comum de dizer que o destino sabe o que faz.””

íntimo em 1939 e burilado, certamente, para novo livro de memórias, inescrito.

A Madame Santos mantinha romance secreto com o jornalista Cândido Campos, chefe e protetor dele no jornal *Informação Comercial e Financeira*, do Rio, no qual o pai estreou no jornalismo em 1934. Ela o conhecera no jornal e passou a lhe telefonar. Vivaldi, então com 24 anos, a considerava “uma deusa”. O registro termina em 22 de junho de 1939 na cidade mineira de Resplendor, onde ele advogava. Pedro salienta que o pai “deixa claro que não houve consumação desse encantamento de mão dupla”, mas viu que não poderia continuar: “Escapuli de vez e nunca mais atendi ao telefone. Seguiram-se acontecimentos desagradáveis entre eu e meu amigo. E daí vim dar com os costados nesta terra...”

Pedro conclui: “Não há como fugir do lugar-comum de dizer que o destino sabe o que faz. Essa extraordinária Madame Santos (...) fez um bem ao jovem jornalista. Por causa dela, ele voltou à terra onde enterrara o umbigo. E edificou em Minas uma obra humanística de notável envergadura, de que sua fulgurante militância na imprensa é um dos pontos altos.”

O País do Tanque e a Pátria Pequena

Filho de Pedro José Moreira, tropeiro, comerciante, agricultor, e de Jacintho de Oliveira Moreira, Dona Tita, Vivaldi Wenceslau

Moreira nasceu em 28 de setembro de 1912 em Tombos, então distrito de Carangola, Zona da Mata mineira. Com três anos, os pais se mudaram para a Fazenda do Tanque, de sua avó paterna, a viúva Anna Esméria Moreira, Donana do Tanque, situada em São Francisco do Glória, outro distrito, hoje emancipado, daquele município. Vê-se nas suas memórias da infância e juventude, *O menino da Mata e seu cão Piloto – memórias sincopadas* (1981), seu principal livro, que a Fazenda do Tanque e o arraial de São Francisco integram, no seu universo físico e sentimental, o que chamou de *País do Tanque*, e Carangola e adjacências, a *Pátria Pequena*. [Reeditou o livro em 2001 como *O menino da Mata – Crônica de uma comunidade mineira*].

“Que vale um homem sem nada saber?”

Vivaldi começou a frequentar a escola primária rural do despreparado professor Bernardino Morais num dia chuvoso de janeiro de 1921, mas, “filhinho da mamãe”, entediado por ter de ficar quieto, sentado, ele, tão ágil em sua “magreza”, abandonou a aula logo no primeiro dia, perguntando aos pais, ao chegar em casa, “Pra que escola?”, e respondendo: “Pra seu Bernardino bater com o lápis na cabeça da gente?” Contudo, no mesmo dia voltou à escola, pois a mãe ponderou mansamente que deveria aturá-la “para ser homem”, acrescentando: “Que vale um homem sem nada saber?”

A casa dos pais ficava a uns 400 metros da casa da avó, à beira de um açude, que ensinou o nome Fazenda do Tanque, “uma das maiores atrações de minha infância”. Ao casarão da sede da fazenda ele costumava ir pedalando, orgulhoso, seu velocípede norte-americano, de Toledo, Ohio (pronunciavam Óio), raro no lugar, mais para ganhar guloseimas do que para receber a benção da avó. Assim, foi praticamente criado dentro do casarão, “de um andar só, mas com grandes salas e muitos quartos, e uma cozinha quase do tamanho de toda a casa, sempre com o fumeiro carregado” de linguiça, queijo, alho, cebola, e um caixão de arroz.

A fazenda, escreveu, “era uma das principais das redondezas, não só pelo que produzia, mas por um sortilégio qualquer, por essa coisa indefinível que se chama prestígio”. Eram famosas as festas que a avó dava nos dias de São Sebastião e de Santo Antônio, com leilões, ingênuas brincadeiras, farta e variada mesa e muita gente de fora.

Com dois meses de aula, aos oito anos, aprendeu a ler, surpreendendo o pai quando este, dono de uma das maiores lojas de São Francisco, a Casa Moreira, fazia a sua contabilidade. Um dos seus livros prediletos era o Novo terceiro livro de leitura, de Hilário Ribeiro, no qual descobriu o mundo viajando pelos continentes e cidades com o personagem Soldadinho de Chumbo. Outro conta a fábula do menino que, abandonado na floresta pelos irmãos, foi vigiado por seu cão, Piloto. O cão do Tanque era Lóide, “exemplar pela inteligência e fidelidade”, protetor da família, “um dos amigos de minha infância.” [Ficou na casa do arraial quando a família foi para Manhumirim em 1932 e, por certo, escreveu Vivaldi pesaroso, “foi a saudade que o matou.”].

Na venda, Vivaldi começou a trabalhar antes dos sete anos, como caixeiro. Guardava ciosamente o código da casa, o segredo da sua prosperidade, a palavra PENDUIRBOS, cujas 10 letras não repetidas nada significavam além de seu correspondente em algarismos arábicos: o P valia um; o E, dois; o N, três, e assim até o S, zero. As letras indicavam discretamente o preço de custo da

“Eram famosas as festas que a avó dava nos dias de São Sebastião e de Santo Antônio, com leilões, ingênuas brincadeiras, farta e variada mesa e muita gente de fora.”

mercadoria. O preço de venda vinha em arábicos, bem à vista. Assim, o lojista avaliava na hora se poderia ou não dar desconto ao freguês.

Quebra da Bolsa frustrou o sonho de Oxford

A cavalo ia ao arraial buscar a correspondência, os jornais que o pai assinava, o *Correio da Manhã* e *O Jornal*, e, para ele, a revista *Tico-Tico*. Lia também os jornais, para saber o que ocorria naquele mundo largo que o seduzia desde a leitura do livro de Hilário, pois estudaria em Oxford. Frustrou o sonho a quebra da Bolsa de Nova York em 1929: “Meu pai, que já era respeitado burguês, abastado comerciante, comprador de café, decaiu com a fragorosa quebra, que, como mancha de azeite, se espalhou de Wall Street até a Fazenda do Tanque, indo atingir o rapazinho cheio de aspirações” que queria estudar ali ou em Cambridge.

A primeira namorada e a trapezista

Quando tinha 14 anos, as idas ao arraial de São Francisco passaram a ter mais uma motivação, a de rever a primeira namorada, Titiza, encantadora menina de 12 anos que certo dia o levou a voltar a desoras para casa, sozinho, para poder vê-la coroar Nossa Senhora. Chegando quase à meia-noite, o pai o recebeu com um cabresto de couro largo na mão, para ensiná-lo, a vergastadas, a não repetir a façanha. Salvou-o a mãe, com a mesma alegria com que o pai da parábola bíblica recebeu o filho pródigo julgado perdido.

Vivaldi conta também que quando um circo mambembe, contratado pelo pai para se exibir na fazenda, ali ficou retido uns

dois meses, por causa das chuvas que alagaram a região, desejou a trapezista, Edith, casada com um artista, *“morena de pelo de pêssego, de modos excitantes.”* Iminente a saída da trupe, o menino, *“que começava a descobrir o mundo e suas belezas ocultas”,* foi a seu quarto e a abraçou por trás, pedindo-lhe que ficasse. Rechaçou-o. Na partida, sussurrou-lhe: *“Até a volta. Cresça e apareça”.*

No capítulo *“Eu gosto de sorvete...”,* narra este “episódio inocente.” Tinha 16 anos, estudava em 1928 no Ginásio Carangolense, passara com distinção e gozava férias em São Francisco. Deu-se que, na época, ilustre e elegante médico carioca, Dr. G.A.B., clinicava no arraial, onde era muito considerado. Num automóvel azul, marca Oakland, atendia a clientela rural. Viera sem a mulher, Dona Z., mas lhe gabava a beleza e mostrava suas fotos em festas no Rio.

“Um dia aporta ao nosso ‘São Chico’ a Dona Z., com o esplendor do seu charme carioca: alta, loura (...) uma beleza de criatura...” Com o marido, frequentava os pais de Vivaldi. Era vista dirigindo o Oakland. Certo dia, Dona Z. perguntou se ele queria dar uma volta com ela. No trajeto, indagou de que ele gostava mais, além de ler e de estudar, como dissera. *“De sorvete. Gosto mesmo é de sorvete”.* Gosto banal, que se satisfaz com dois tostões, ponderou. – *“Depois de estudar e de sorvete, de que você mais gosta?”*, insistiu, a mão esquerda no volante, a direita, perto dele. – *“É só mesmo disto que eu mais gosto, Dona Z”.* Ela emudeceu, fez a volta, parou na porta da casa dele e disse: *“Pode sair.”*

“Trinta anos é um sopro no tempo.”

Com 14 anos saiu para estudar - Muriaé, Carangola, Alto Jequitibá (hoje Presidente Soares) e Rio. Ali *“enfrentou anos de trabalho árduo e pobreza material para formar-se advogado”,*

“Parece que foi ontem! Recordo-me das páginas ingênuas que escrevi neste meu diário, naquele dia glorioso e triste. Trinta anos é um sopro no tempo.”

conta Pedro, acrescentando que Cândido Campos, seu padrinho de formatura, *“presenteou-lhe com o anel de grau.”* Em artigo na Fortuna, Lêda Boechat Rodrigues, contemporânea dele no ginásio e na faculdade, conta que o cumprimentou na missa de formatura, na Candelária, em 3 de dezembro de 1937: *“Estava sozinho e triste (...) Ao ver-me, sorriu, feliz; ninguém da sua família pudera participar da sua alegria.”*

Num capítulo de *O menino da Mata*, *“Lembre-mo-nos da turma de 37”,* sobre os 30 anos da formatura, escreveu: *“Parece que foi ontem! Recordo-me das páginas ingênuas que escrevi neste meu diário, naquele dia glorioso e triste. Trinta anos é um sopro no tempo.”* A *Manchete* o apontara como um dos vitoriosos no banquete da vida ausentes à festa no Copacabana Palace. Ele não se sentiria bem no ambiente festivo: *“Lembrar-me-ia o tempo todo, no meio do sorriso postiço da maioria, daquele colega que abaixou a cabeça ao topar comigo, numa das ruas de Belo Horizonte. Quando o agarrei pelo braço, obrigando-o a me reconhecer, após mais de 20 anos de ausência, ele replicou, com os olhos ainda no chão: ‘Não o procuro, não posso procurá-lo. Você subiu tanto que me envergonho de procurá-lo.’ Olhei para seus sapatos rotos, sua roupa surrada. Foi, também, contrafeito, que o trouxe à minha casa. Ele podia estar pensando outra coisa a meu respeito. Podia tomar-me erroneamente pelo que não sou, não fossem as palavras francas que mantivemos. Certifico-me de que esse negócio de turma não representa nada. Para que, então, reunirmo-nos em grande gala? Para exibirmo-nos uns aos outros em nossos triunfos? Para conferir quem jogou o dardo mais longe? Para submeter nossas mulheres aos respectivos olhares inquisidores das joias e vestidos de cada uma?”*

A “sanfoninha de Vivaldi.”

De junho de 1953 a fevereiro de 1961, editou o microjornal Minas em foco, de formato original em Minas. Era uma folha tamanho tabloide desdobrada em 16 páginas de 16,5 x 11,18cm cada, 14 delas com uma seção – como *“A cidade”, “Bolsa de Títulos”, “Vida comercial”* –, mais a primeira e a última. Parecia um lenço dobrado. Anúncios ao pé de página, com 3,9cm, e pequena subvenção do Estado, pela publicação de matéria oficial, garantiam a distribuição gratuita no país de 3.000 exemplares por mês. Em crônica, Drummond o chamou de *“a sanfoninha de Vivaldi” (Fortuna)*. Redigia-o sozinho em casa. Depois, com o jornalista e acadêmico José Bento Teixeira de Salles. Filhos faziam o endereçamento à mão.

Diretor da Revista da ACM, tratou de assuntos jurídicos, políticos e econômicos e, no boletim da ACM, traçou o perfil de figuras das classes produtoras. Na ACM, onde foi advogado, conheceu Magalhães Pinto, que, secretário das Finanças do Governo Milton Campos, nomeou-o em 1947 seu chefe de gabinete. De 1949 a 1982 serviu ao Tribunal de Contas de Minas Gerais (auditor, conselheiro, presidente). Integrou o Rotary Clube de BH e o Conselho Estadual de Cultura e dirigiu a Imprensa Oficial de Minas. Republicou em livros vários dos milhares de artigos para jornal. Escreveu inúmeros discursos, para si e outros.

A casa em BH e o sonho da volta

Vivaldi a namorava desde 1934 e em 27 de abril de 1942 se casou em BH com a professora Ibrantina Brandão Couto, Dona

Brante. Tiveram cinco filhos: José Maria (advogado), Eduardo Vitor (engenheiro) Pedro Rogério (escritor), Maria do Céu e Ana Cristina (servidoras públicas) e netos. Com o lucro de anuário comercial e industrial editado em 1946 e 1947, comprou a casa da Rua Professor Moraes, 600, Funcionários, BH. Construiu nos fundos a biblioteca (três salas) e no pátio interno cultivava árvores frutíferas. Em 1960, pôs na frente da casa um vitral da Fazenda do Tanque.

Previu no diário, em 21 de dezembro de 1975, que, com a expansão urbana, em breve teria de deixar *“esta deliciosa casa (...), onde, de 1947 até agora, tenho vivido os mais belos sonhos, onde nasceram minhas duas filhas e onde casei Maria do Céu.”* E revela que no chá-de-panela criou para si um personagem cômico,

“A paixão pela leitura correspondeu à paixão pela escrita – dezenas de textos sobre variados assuntos, que caminham principalmente da Sociologia à Literatura, passando pelo Direito, pela Educação, pela Política, pela Economia, pela História e pelo Memorialismo de diversas fases da vida.”

Madame Sucata, que se celebrizou no círculo familiar: vestia-se de modo extravagante, colocava peruca, mudava a voz e dava “um show” em família. Gostava de vinho e uísque e encontrava os amigos na biblioteca ou no restaurante Minuano, na mesma rua.

Poucos dias depois, escreveu não estar contente consigo e ter vontade de se aposentar e passar o resto da vida num lugar calmo, lendo e escrevendo. Devaneava comprar a Fazenda do Tanque e nela fazer *“uma casa para recolher tudo o que é meu”*. Prática, Dona Brante descartava: isso é recordação da infância, que não volta mais. *“Não volta, porque esteve sempre presente em mim.”*

A propósito, Pedro conta que, quando faliu, em 1929, seu avô deixou a Fazenda do Tanque e montou pequeno negócio, uma vendinha, no lugar denominado Parada General – uma parada de trem entre Carangola e Tombos, *“tão insignificante que nem estação havia”*. Havia somente um tapiri, um abrigo, ao qual os irmãos mais novos de Vivaldi iam com seus tabuleiros vender aos passageiros cocadas e pés-de-moleque, feitos por Dona Tita para ajudar na economia caseira. Xingavam quando o trem, que parava poucos minutos, talvez nem dois, partia sem que todos pagassem a despesa.

Na época, Vivaldi estudava fora e lá passava as férias. Quase 70 anos depois, em 1999, com 86 anos, tendo o irmão Pedro Paulo comprado fazenda em Carangola abrangendo o lugar onde a família residira, Vivaldi, em sua última viagem sentimental, achou o abrigo, desgastado mas ainda de pé. Nostálgico, de terno, gravata e chapéu Gelot, encostou-se na sustentação de taboca do tapiri, para a tocante foto do fugaz e ilusório reencontro com sua *“Pátria Pequena”*.

Paixão pela leitura e pela escrita

Vivaldi era essencialmente jornalista. Assim se apresentou ao se empossar na AML em 1º de julho de 1959. Escreveu várias vezes não ser especialista em nada, mas um enciclopedista, sabendo de tudo um pouco. Ele não era romancista nem contista e reconhecia não ter o dom da poesia. Passou a vida a comprar livros. Leu mais de 7.000, anotando-os. *“A leitura é para mim alimento”*, escreveu (*Glossário das Gerais*). Lia somente livros úteis, para conhecer mais, nunca apenas por diversão.

Pretendeu escrever ensaio sociológico sobre a Zona Mata mineira, mas achou insuficientes os dados reunidos. Começou um romance e logo parou. Tudo o que tentava fazer, anotou, descambava para o ensaio. Seu plano de continuar as memórias gorou. A crítica Letícia Malard diz que ele sempre se dedicou com rara intensidade à leitura e à escrita. *“A paixão pela leitura correspondeu à paixão pela escrita – dezenas de textos sobre variados assuntos, que caminham principalmente da Sociologia à Literatura, passando pelo Direito, pela Educação, pela Política, pela Economia, pela História e pelo Memorialismo de diversas fases da vida.”* (Vivaldi Moreira e a paixão pelos livros, 2012).

“Cuidado com esse Vivaldi: ele redige um Diário...”

Escreveu o diário desde 1936, com interrupções, publicando parte ínfima no Memorial a destempo, de julho de 1975 a março de 1977, período dos mais sofridos de sua vida (faleceram a mãe e uma irmã, Celeste). A parte publicada não chegaria a 5% do total. Os inéditos só poderão ser publicados 20 anos depois de sua morte, em 2021. Vivaldi, que dizia buscar a verdade ao

escrever, contou que Milton Campos lhe dissera que Pedro Aleixo o advertira: “Cuidado com esse Vivaldi: ele redige um Diário...” (Novo glossário).

Escreveu ensaios e artigos no *Estado de Minas* e *Diário da Tarde*, entre outros, e reproduziu vários deles em livros, por serem mais duradouros. Desejava permanecer no mundo. Ultrapassar a finitude da vida estruturava sua personalidade, diz em *A fruta de Mársias: ensaios e aproximações* (1960) [*Fruta* é a forma arcaica de flauta].

Ele venerava Santa Teresa de Ávila, por sua obra poética e física, de fundadora de vários conventos. Considerava que inspirara seus passos e lhe concedera a graça de lutar pela obra da Academia. Esteve duas vezes na Catedral de Ávila (1991 e 1994) e narrou em livro seu “diálogo” de mais de oito horas com a Santa (*Viagens*, 1996).

Admirava os filósofos espanhóis Ortega y Gasset e Miguel de Unamuno e autores como o português Miguel Torga, pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha, que aos 12 anos, de 1920 a 1925, morou na Zona da Mata, estudando em Leopoldina. Correspondente e amigo do jurista e primeiro ministro de Portugal, Marcello Caetano, assistiu-o quando exilado no Brasil. Aqui, seu maior ídolo era o amigo Milton Campos, exemplo de integridade moral. Invocava frase de Drummond: “Ele foi o homem que todos nós desejaríamos ser.”

Nos 12 últimos anos, sofrendo da vista, já não lia um livro inteiro sozinho. Contratou a bibliotecária Marília Moura Guilherme para ler de manhã na casa dele e, à tarde, como secretária, na AML. Encadernava livro durante a leitura, carimbando seu nome nas páginas de rosto, 11 e 21.

Fazenda do Tanque: apenas um vitral na parede.

Vivaldi – que, após a morte da mãe, amargurado, repreendera-se muito no diário por não ter corrigido o livro dela, *Tempo de falar*, apesar de seus apelos – faleceu de câncer, na mesma casa, aos 88 anos, em 26 de janeiro de 2001, após um tempo acamado. [Pedro nota que sua mãe morreu, em 5 de maio de 2004, na mesma hora, 11:15h, em que falecera seu pai, dois anos e quatro meses antes (*Fortuna*). O Governo de Minas decretou luto oficial de três dias. Foi sepultado no Bonfim

Hoje, no lugar da casa – onde, em “31.X.1979”, ele autografara um livro para nós – há um hotel, que numa parede preserva o vitral da Fazenda do Tanque, junto a foto dele. Quando, tristonha, Marília nos exibiu um 6 de metal, um dos Algarismos do número da casa que jaziam soltos num armário do Palacete, oriundo da biblioteca dele, pareceu-nos que aquele solitário Algarismo sinalizava a finitude de todas as coisas, entre elas a dos atos de ler e escrever.

Referências Bibliográficas

Obras de Vivaldi Moreira:

- *O menino da mata e seu Cão Piloto*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1981, republicado como *O menino da Mata – Crônica de uma comunidade mineira*, Belo Horizonte, Itatiaia, 2000;
- *Memorial a destempo*, BH, I.O., 1986;
- *Cobras & lagartos – Prosa vadia*, BH, Edições Caraifas, 2000;
- *Viagens*, BH, Ed. Caraifas, 1996;
- *Glossário das Gerais*, BH, I.O., 1991;

“Aqui, seu maior ídolo era o amigo Milton Campos, exemplo de integridade moral. Invocava frase de Drummond: ‘Ele foi o homem que todos nós desejaríamos ser.’”

- *Novo glossário das Gerais – Prosa útil*, BH, Ed. Caraifas, 2000;
- *O círculo dos eleitos*, BH, I.O., 1987;
- *Figuras, tempos, formas*, BH, Edições Movimento-Perspectiva, 1966;
- *Perfis contemporâneos e outros escritos*, BH, Associação Comercial de Minas, 1982;
- *A fruta de Mársias. Ensaios e aproximações*. BH, Itatiaia, 1959;
- *Personagens & situações*, BH, I.O., 1986;

Outras:

- *Centenário de Vivaldi Moreira – Fortuna biográfica*, coordenação editorial de Pedro Rogério Couto Moreira, Belo Horizonte, I.O./Itatiaia, 2012;
- *Efemérides da Academia Mineira de Letras* (1909/2009), Oílham José, org. Marília Moura Guilherme, BH, Academia Mineira de Letras, 2009;
- *Revista da Academia Mineira de Letras – Ano 86*, vol. LIV, out./nov./dez. 2009; BH, Academia Mineira de Letras, 2009;
- *Revista da Academia Mineira de Letras*, Ano 95, vol. LXXV, BH, Academia Mineira de Letras, 2016;
- *Vivaldi Moreira e a paixão pelos livros*, Leticia Malard, BH, Itatiaia/I.O., 2012;
- *A vida é esta...*, Beatriz Borges Martins, BH, Instituto Cultural Amílcar Martins (ICAM), 2013;
- *Guia de Bens Tombados IEPHA/MG*, Coord. editorial de Maria Marta Martins de Araújo e outros, BH, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2011/2012.

Dia feriado*

Vivaldi Moreira

Suplício para mim, atualmente, são os dias feriados. Antigamente, sábados e domingos abriam uma clareira em meu coração. Podia fazer o que bem entendesse. Hoje, ao contrário, é penalidade que me é imposta, tal qual a gaiola para o pássaro que caiu, inesperadamente, no alçapão. Por que? Os feriados eram deliciosos vazios, preenchidos com o prazer supremo da leitura. Três dias sem leitura. Minha leitora não apareceu para preencher o vazio, soltar os foguetes de lágrimas da imaginação, da criação universal. A leitura, que é a avalanche do conhecimento através dos olhos ou dos ouvidos, é também, para mim, uma espécie de orgasmo espiritual, desde a idade de oito anos, quando me deparei com uma gravura do Século XIII, trazendo um homem grisalho, com um livro apoiado nos joelhos, a lareira ao canto e uma ampla janela ao fundo, abrindo-se para belos arvoredos na apaziguadora planície. Praticamente nos últimos dez anos não leio um livro inteiro sozinho, uma obra total. Ouço-lhe a leitura: volumes de 500, 1.000 páginas, às vezes de vários tomos, são ouvidos através dos olhos de minha secretária. Costumo até dizer: – Meus olhos não vieram hoje. Meus olhos faltaram hoje, quando ela me toca o telefone e avisa que houve um imprevisto, um problema urgente a resolver. No mais, são quatro horas corridas, pela manhã, sempre com pequenos intervalos, e eu trabalhando com as mãos, em pequenas tarefas que não interferem com a atenção dada ao texto. Ou estirado no sofá ou andando pela sala, ouvindo a voz que me traz mensagem consoladora, renovadora, desvirginadora da cultura: ideias, ficção, filosofia, história, ciência – alimento do espírito. Tudo me entra pelos ouvidos e não pela vista, como outrora, quando amava os dias feriados, para me embriagar, sem interferência, com esse manancial inesgotável do conhecimento. Por semana percorremos mais de 1.000 páginas, conforme a qualidade do licor inebriante. Ainda bem que a leitura é um vício impune, como nos disse Valéry-Larbaud. Com meus 86 anos, a vista me foge com rapidez e eu necessito dela para as tarefas menores, aquelas inadiáveis, e que só eu posso desempenhá-las. Há pouco, porém, lágrimas surgiram, inesperadamente, de vinte em vinte minutos, e os médicos não me dizem a origem do mal. Será o prenúncio? Temo que o seja, porque me vou tornar o sujeito mais inconveniente do mundo. A leitura para mim não é só uma necessidade profissional. É uma segunda natureza que passou, anormalmente, a ser a primeira. Prefiro ficar sem o alimento a ficar sem um livro diante de mim. Ainda escrever, mesmo com certa relutância, e outras vezes com a máxima alegria, eu realizo com satisfação. Alguns anos atrás, afirmei que só me considero homem com uma caneta na mão. Poderia agora dizer, se não fora tão impermeável na minha indolência, trocando de instrumento, com um computador aberto diante de mim... Invejo meus netos que brincam com aquela máquina diabólica como eu brincava com as bolas de gude na infância, com a mesma destreza de um macaco ao descascar uma banana. Apossou-se de mim certo enfaro, bem próximo ao horror, do ato de escrever. Tomo notas

“Suplício para mim, atualmente, são os dias feriados.”

rápidas de temas, de assuntos que preciso versar e me esqueço onde estão ou prevenidamente as perco nos bolsos dos paletós ou calças, nas mesas que frequento, hoje para mais de dez ...É que freudianamente me tornei pior do que era há dez anos. Desde ontem, por exemplo, procuro umas anotações sobre Silva Guimarães, o admirável contista de Ossa mea e Os borrachos, que desejo lembrar, tão olvidado está, o filho de Bernardo Guimarães. E não é que as perdi. A dizer a verdade, gosto ainda de compor páginas. E não é precisamente o que estou fazendo agora? Cheguei à triste conclusão: se não consegui, até hoje, produzir páginas razoáveis, não será daqui para a frente que meu espírito encontrará energia suficiente para redigi-las, pelo menos sofríveis. Há poucos dias, na Academia, proferi, de improviso, umas palavras que todos me disseram terem saído a contento. E eram sobre um livro do qual eu só havia lido as orelhas. Ora, meu Deus, como a nossa mente é enganadora, feiticeira e mendaz... Esforçar-me-ei. Se não posso ler, posso escrever, expandir ainda mais o lixo que vai pelo mundo. É uma desforra contra o futuro. *Scripta manent* [a escrita permanece]. Por mais que se deseje destruí-la, ela é tal qual o vírus dos túmulos dos faraós. Quem sabe? Lancei um olhar sobre alguns livros meus de mais de vinte anos de composição. Tive inveja, palavra. – *Ah, se eu ainda redigisse com essa facilidade, essa facúndia. Serei mesmo o autor destas páginas? Meu nome está aqui e não há dúvida. Seria isto idolatria, Narciso mirando-se ao espelho das águas?* Por Deus, que não é. É, sim, o temor da queda. É o medo da decadência, de minha inferioridade diante de um homem em plena força espiritual, conduzido pela fé, pela crença no que realizava e defendia. Tudo isso passou, meu Deus? É a descrença naquilo que hoje executo. Inopinadamente, assalta-me a energia, aquela vontade tão proclamada por Nietzsche e me arrasta para a ação. E as frases conseguem ser formuladas e expressas nas linhas que vão brotando dos dedos para o teclado. Mas tudo sem aquele calor de outros tempos. Tudo sem o vigor antigo, verifico compungidamente. É uma questão biológica, os hormônios não atuam mais, fugiu a testosterona. Em compensação, tudo é mais verídico, mais convincente, mais sincero, porque sai das profundezas do ser. (9.XII.1997).

*Texto escrito em 9 de dezembro de 1997, foi publicado em 2000, um ano antes do seu falecimento, em *Cobras & Lagartos – Prosa vadia*.

Fundada em Juiz de Fora, Academia ficou 25 anos sob o comando de Vivaldi

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador do TjMG, aposentado

Idealizada pelo poeta, jornalista e educador carioca Antônio Vieira de Araújo Machado Sobrinho, a Academia Mineira de Letras foi fundada em Juiz de Fora em 25 de dezembro de 1909 e instalada em 13 de maio de 1910 naquela cidade da Zona da Mata mineira, grande centro cultural, industrial e agropecuário de Minas no final do século XIX e começo do XX. Desde o início, a AML sofreu a falta de sede própria e de recursos. Em 24 de janeiro de 1915 se transferiu para a nova capital, em cerimônia no Cine Teatro Municipal, depois Cine Metrôpole (hoje demolido).

Nos primeiros anos em BH, a falta de sede própria obrigou os acadêmicos a se reunirem em prédios públicos e até “em residências particulares e plateias de teatro”, registra o acadêmico e secretário perpétuo da AML, Oiliam José [falecido em 23 de fevereiro último], nas Efemérides da Academia Mineira de Letras - 1909/2009, editadas quando do seu centenário. De 1943 até 1987, a AML funcionou em sede própria, o sexto andar do prédio da Rua dos Carijós, nº 150, adquirido pelo município na gestão do prefeito Otacílio Negrão de Lima.

Empossado na AML em 1º de julho de 1959, elegendando-se presidente em 1975 e se reelegendo seguidamente, até se tornar presidente perpétuo em 1989, dirigindo-a 25 anos até

falecer, em 2001, Vivaldi Moreira sempre sustentou que sua sede deveria ser “ao rés do chão” e, para tanto, buscou com tenacidade o apoio de governantes e empresários.

Matéria do *Estado de Minas*, referida nas Efemérides, revela que Vivaldi ambicionava o prédio do Tribunal de Justiça para a Academia. Negado, pleiteou ao governador Hélio Garcia o da Secretaria da Agricultura, perto da Rodoviária. “Um dia, ele veio a uma solenidade na Academia e eu insisti no prédio da Secretaria da Agricultura. Hélio Garcia disse que aquele ele não dava, mas que havia arranjado outro: ‘Lá eu não dou porque vocês já são velhinhos e lá tem muito trombadinha e muito trottoir. Mas já tenho um lugar para vocês – o **Palacete Borges da Costa**, na Rua da Bahia. Lá é que os velhinhos devem ficar.”

O **Palacete** é a capa desta edição de *MagisCultura*, em aquarela de Sandra Bianchi.

O palacete dos “velhinhos”

No Palacete Borges da Costa, à Rua da Bahia, 1.466, Bairro de Lourdes, residia o Dr. Eduardo Borges Ribeiro da Costa, cirurgião que antes morava em frente, no nº 1.433. Relembrando a BH antiga, sua filha Beatriz Borges da Costa fala do solar em “A vida é esta...”, prefaciado pelo filho acadêmico Amílcar Martins Filho. A família cresceu e ele se mudou para a casa do pai, do outro lado da rua, onde hoje está o Auditório Vivaldi Moreira, o



O escrever não tem fim

O escritor autodidata Eduardo Frieiro (1889-1982), cuja biblioteca, de 3.000 títulos, foi incorporada à da Academia em 1981, por valor simbólico, venceu em 1956 o concurso interno para a escolha do brasão da AML, com o lema *Scribendi nullus finis* (*O escrever não tem fim*, ou *O escrever é infinito*). Vimos na AML o desenho do seu projeto, igual ao afinal adotado (a sigla AML em letras entrelaçadas e a frase latina entre duas palmas verticais côncavas, enlaçadas na base), mas consta nas Efemérides ser o dístico de Frieiro e o logotipo, do acadêmico Martins de Oliveira.

“Vivaldi desejava fazer da Academia o ‘Senado mineiro’, um órgão de prestígio nacional por ter entre os confrades ‘uma cota de celebridades que nutrisse afeição pelas letras.’”

moderno Anexo da AML, projeto [gracioso] do arquiteto Gustavo Penna.

Comprou o lote abaixo, fez seu consultório, já com alicerces para a casa, projetada pelo arquiteto Luiz Signorelli. *“A fachada era a mesma que se vê ainda hoje, com aquela sacadinha e uma escada bifurcada que leva à varanda”*. O *Guia de Bens Tombados Iepha/MG* diz que a casa é *“um dos melhores exemplares da arquitetura residencial dos primeiros anos da capital”* e que sustentam sua varanda *“seis colunas de fuste estriado e capitel coríntio.”*

A obra durou uns 10 anos. *“Aquela casa é uma verdadeira fortaleza”*, diz Beatriz. Para Amílcar, a casa, com 44 cômodos, ficou pronta entre 1928 e 1930. O consultório tinha duas salas grandes, a de espera e a de consultas, usada para *“pequenas operações”*. No porão alto, havia pequeno laboratório, banheiro e enorme biblioteca para as reuniões semanais com os alunos. Em dois quartos do porão internavam-se os operados. Era uma pequena clínica.

Junto ao hall do andar de cima, havia uma saleta e quatro quartos das crianças e outros. A saleta dava para *“uma varanda enorme, que se estende por toda a largura da casa”*. São de jacarandá a esquadria interna, a escada, o corrimão e as almofadas sob os degraus. O trabalho das partes de madeira coube a dois artífices italianos. Dois operários vieram de Portugal para fazer o estuque dos tetos. Depois, quebraram as formas usadas, *“para ninguém copiar”*.

O Governo Hélio Garcia doou o Palacete em comodato, o de Newton Cardoso convalidou a doação, o de Sarney viabilizou recursos para recuperá-lo e o de Itamar Franco, para a construção do auditório (Revista da AML, v. LIV). Beatriz entregou as chaves em 21 de outubro de 1987. A família, benemérita, doou à AML o mobiliário e os lustres. Reformado, o solar foi reaberto com missa em 3 de setembro de 1988, e o auditório, aberto em 30 de maio de 1994.

A Casa de Alphonsus. E de Vivaldi.

Inspirada na Academia Brasileira de Letras (ABL), que copiara o modelo da Francesa, a AML, cujo patrono é o poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens, também tem 40 cadeiras, quatro hoje ocupadas por mulheres. A atual e primeira presidente é Elizabeth Rennó. A poetisa Henriqueta Lisboa foi a primeira acadêmica (1963). O primeiro presidente foi o cientista e escritor carioca Eduardo de Menezes, radicado em Juiz de Fora. Na capital, o primeiro presidente foi o cientista Álvaro da Silveira.

Como a ABL, seu quadro de acadêmicos não se restringe a escritores. Vivaldi desejava fazer da Academia o *“Senado mineiro”*, um órgão de prestígio nacional por ter entre os confrades *“uma cota de celebridades que nutrisse afeição pelas letras”*, diz Pedro (Fortuna). Assim, acolheu nomes como Juscelino, Pedro Aleixo, Milton Campos, Tancredo Neves, Aureliano Chaves, Gustavo Capanema, Francelino Pereira, dentre outros. Seis acadêmicos da AML também ocuparam cadeira na ABL: Abgar Renault, Afonso Pena Júnior, Afonso Arinos de Melo Franco, Augusto de Lima, Cyro dos Anjos e Oscar Dias Corrêa. Victor Nunes Leal, amigo de Vivaldi desde o ginásio, integrou o STF e a AML. Outro ex-ministro do STF acadêmico é Carlos Mário da Silva Velloso.

O falecido acadêmico José Oswaldo de Araújo era avô do atual acadêmico Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, também secretário de Cultura de Minas. O poeta Alphonsus de Guimaraens

era pai dos acadêmicos Alphonsus de Guimaraens Filho e João Alphonsus e avô do acadêmico Afonso Henriques Neto.

Às vezes chamada “*Casa de Alphonsus e de Vivaldi*”, a AML tem reuniões mensais, (sem jetons, por falta de recursos), chás, eventos culturais, como o *Projeto Universidade Livre*, os mesmos critérios da ABL para preencher as vagas, conflitos, conchavos. Uma disputa foi levada ao Judiciário: as Efemérides registram que em 1949 um candidato recusado recorreu à Justiça, “*não logrando êxito*.”

JK, o “fato novo” que afastou o trovador

No artigo *O fato novo* (*Revista da AML*, v. LXXV), Pedro conta bastidores da eleição de Juscelino. O poeta Edison Moreira, irmão de Vivaldi, lançou em 1974 a candidatura do poeta Oswaldo Soares da Cunha. Apesar de amigo de Soares, Vivaldi discordou. Edison recorreu a Dona Tita, que apelou a Vivaldi. Como “mãe é mãe”, cedeu. No entanto, ao saber que JK, pessoa não grata ao regime militar, ambicionava a vaga, Vivaldi passou a apadrinhá-lo. Foi ao SNI em BH para, diante de um general, desfazer intriga, envolvendo-o e à Academia, como conspiradores do regime, e refutar a ideia de que o ‘Sistema’ deveria reagir à “provocação”, fechando a AML (*Novo glossário das Gerais*, 2000). Restava ainda a questão ética a superar. O acadêmico Moacyr Andrade lembrou haver um “fato novo” a considerar: o desejo de um político do quilate de JK de se tornar imortal.

O “fato novo” foi então exposto ao poeta, ironicamente autor desta afamada trova: “*Amigos são todos eles/ Como ave de arribação. /Se faz bom tempo eles vêm, /Se faz mau tempo eles vão.*” Soares retirou a candidatura e, no dia seguinte, abraçou a JK na Livraria Itatiaia, dos irmãos Edison e Pedro Paulo, no seu tradicional endereço da Rua da Bahia, 916, ponto de encontro de intelectuais, presente Dona Tita, que tinha aposentos no mesmo prédio. Soares ganhou a vaga na eleição seguinte. Com o apoio de Vivaldi.

“Esta Academia é uma belezinha. Eu quero entrar.”

Com bom humor, ele anotou no diário que encontrara em sua cadeira, tentando telefonar, uma criatura loura, viva, cordial: a escritora Vilma Guimarães Rosa, filha de Guimarães Rosa. “*Foi logo dizendo: ‘Esta academia é uma belezinha. Eu quero entrar para ela. Como faço para pertencer a esta Academia?’*” – “*O mesmo que seu pai fez para pertencer à Academia Brasileira: ter uma obra, haver vaga no quadro e conseguir número de votos suficientes. Digamos, 21 votos*” – “*Mas não há vagas, há?*” – “*Agora, graças a Deus, não. Estamos completos. A menos que você, com sua beleza, peça a algum confrade para morrer.*” (*Memorial a destempo*).

Embora muito desejada a cadeira, alguns acadêmicos não demonstram grande interesse pelas atividades acadêmicas. É histórica a pequena frequência às sessões. Em 9 março de 2009, Murilo Badaró, sucessor de Vivaldi na presidência, em ofício-circular aos confrades, “*para sua meditação*”, encaminhou-lhes cópia do relatório do presidente Mário de Lima ao encerrar sua gestão em 1921. Nele, Mário lamentava que a AML não tivesse a esperada influência na vida literária do Estado, entre outras razões pelo “*desinteresse (quase desdém, às vezes)*” de alguns deles, que sistematicamente não compareciam às sessões (Efemérides).

“Esta academia é
uma belezinha.
Eu quero entrar para
ela. Como faço para
pertencer a esta
Academia?”



Fernando Sabino, o menino que escrevia

Rogério Medeiros Garcia de Lima
Desembargador do TJMG

“*J*esus disse: ‘Deixem as crianças, e não lhes proibam de vir a mim, porque o Reino do Céu pertence a elas’”
(Mateus, 19,14).

No início de 1974, aos doze anos de idade, eu cursava a 7ª série no Colégio São João, dos padres salesianos, em São João del-Rei/MG, minha terra natal. A professora de Língua Portuguesa indicou aos alunos a leitura de “*O homem nu*”, saborosa crônica do escritor mineiro Fernando Sabino.

Li de um fôlego.

Nascia ali minha profunda admiração por Sabino, consolidada, quase uma década após, pela leitura do marcante romance “*O encontro marcado*”. Identifico-me bastante com o estilo simples – e ao mesmo tempo profundo – da escrita de Sabino.

Sua alma mineira é também a minha.

Seu humor cético me contamina.

Sua paixão é o mesmo fogo que me arde no peito.

Esboçarei algumas linhas sobre a vida e obra do inesquecível autor.

Galos na cabeça

Fernando Tavares Sabino nasceu em Belo Horizonte, no dia 12 de outubro de 1923, Dia da Criança. Era filho de Domingos Sabino e Odete Tavares Sabino. Coursou o primário no Grupo Escolar Afonso Pena.

Desde menino, foi leitor compulsivo. Algumas vezes, apresentava galos na testa: batia a cabeça em postes, ao caminhar com um livro aberto diante dos olhos.

Fez o curso secundário no Ginásio Mineiro. Era bom aluno de Português. Na adolescência, leu avidamente clássicos portugueses: Gil Vicente, João de Barros, Alexandre Herculano, Almeida Garrett e Camilo Castelo Branco. Em seguida, chegou às obras de Eça de Queiroz e Machado de Assis.

Gostava de música. Tocava bateria e, já escritor consagrado, improvisava apresentações em casas noturnas que frequentava.

O pai, um ‘filósofo doméstico’

Fernando tinha grande admiração pelo pai, o procurador de partes e representante comercial Domingos Sabino. Em 1989, durante célebre entrevista ao programa “Roda Viva”, da TV Cultura de São Paulo, declarava:

“Eu falei que gostaria muito que me dessem alguma oportunidade de falar no meu pai, porque é uma coisa tão grata para mim, foi tão bom, eu agradeço você ter se lembrado disso.

“Porque o meu pai era um homem modesto não só de posses como de cultura também, era um homem muito modesto mesmo, mas ele tinha uma espécie de sabedoria doméstica, vamos dizer assim, que era um filósofo doméstico, a tal ponto aquilo chegou que pessoas começaram a procurá-lo para pedir conselhos.

“Ora um sujeito que deu desfalque, ora outro que queria se suicidar, o outro que se separou da mulher; o próprio governador Benedito Valadares, sem o conhecer, sem nada, mandou o oficial de gabinete dele lá em casa mais de uma vez para pedir um conselho, uma orientação.

“O meu pai tinha um escritorzinho no porão e aquilo virou uma romaria. Entravam e saíam pessoas que ele não sabia quem era para pedir uma sugestão, e tal.

“E ele tinha uma espécie de sabedoria familiar muito boa. Eu me lembro de coisas que ele dizia assim, por exemplo, quando ele me via muito nervoso, falava:

‘Meu filho, as coisas são como são e não como deviam ser; perfeito só Deus, e esse mesmo, olhe lá. Mais de 50% já está muito bom. Agora, se você chegar a 80% de perfeição, já está fantástico, de modo que já está muito bom assim como está.’

“E dizia:

‘No fim dá tudo certo; se não deu é porque ainda não chegou ao fim.’

“E a base desse tipo de filosofia de vida, eu fui recolhendo assim, umas inspiradas por ele e outras que ele diria”.

O ás da natação

No romance “*O encontro marcado*”, o protagonista Eduardo Marciano explica à namorada porque se tornara nadador:

“Seu Marciano tornou-se sócio do clube, o filho praticava natação.

– Por que você não joga basquete? – sugeria Letícia – Natação não tem graça...

– Porque natação não depende de ninguém, só de mim.

Em seis meses era o melhor nadador de sua categoria, e ameaçava já o recorde dos adultos. Uma espécie diferente de emoção – a de poder contar consigo mesmo, e de se saber, numa competição, antecipadamente vencedor. Os entendidos sacudiam a cabeça, admirados:

– Quem diria, esse menino...”.

“À noite, Eduardo não conseguiu dormir: pensava no companheiro perdido, naquele instante, talvez, nadando no escuro, na vastidão do mar...”

Fernando Sabino foi nadador do Minas Tênis Clube, tradicional agremiação da capital mineira. Bateu diversos recordes no nado de costas. Em 1939, sagrou-se campeão sul-americano dessa modalidade.

Nas piscinas do clube, ficou amigo do nadador Marcos Andrade. Juntos, venceram diversas competições. Andrade tornou-se piloto da Força Aérea Brasileira. Morreu aos 24 anos, quando o avião que pilotava caiu em alto-mar. Sabino mencionou a tragédia em *“O encontro marcado”*:

“À noite, Eduardo não conseguiu dormir: pensava no companheiro perdido, naquele instante, talvez, nadando no escuro, na vastidão do mar... Lembrava dele, a procurá-lo no vestiário: ‘Olha, você tem que ganhar. Apostei em você’. Não ganhara; como poderia agora contar com o amigo, esperar que ele não falhasse?”

O começo como redator

Entre 1941 e 1944, Fernando Sabino prestou serviço militar na Arma de Cavalaria e ingressou na Faculdade de Direito. Convivia com escritores.

Foi amigo de Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino. Eram inseparáveis e compunham o grupo dos *“quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse”*.

O escritor Humberto Werneck, no livro *“O desatino da rapaziada”*, relata que, na Belo Horizonte do final dos anos 1920, o poeta Carlos Drummond de Andrade praticava extravagâncias. Ao voltar para casa, no bairro Floresta, tarde da noite, costumava escalar um dos arcos do Viaduto de Santa Tereza, no lado direito de quem segue no sentido Floresta. Abaixo do elevado viaduto passa a via férrea:

“Vinte anos depois, a chamada geração de 45, que não admirava apenas as façanhas literárias do poeta, tratou de imitar, ritualmente, as escaladas noturnas no viaduto. Agora, eram Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino que subiam e desciam, correndo, pela estreita faixa de cimento, com menos de um metro de largura, enquanto um companheiro mais velho, João Etienne Filho, em pânico, lhes rogava que descessem”.

Por indicação do amigo Murilo Rubião, Fernando Sabino ingressou no jornalismo como redator da *“Folha de Minas”*.

Em 1942, tornou-se funcionário da Secretaria de Finanças de Minas Gerais.

Também lecionava Português no Instituto Padre Machado. Em 1943, foi nomeado oficial de gabinete do secretário de Agricultura.

Posteriormente, passou a morar no Rio de Janeiro, onde, em 1946, formou-se pela Faculdade Nacional de Direito.

Do Rio a Nova York

Após se formar em Direito, Fernando Sabino viajou com Vinícius de Moraes para os Estados Unidos. Durante dois anos, morou em Nova York com a primeira esposa, Helena Valadares Sabino, e a filha primogênita, Eliana Sabino. Trabalhava no consulado brasileiro.

Enviava crônicas aos jornais *“Diário Carioca”* e *“O Jornal”*, do Rio de Janeiro. Os textos eram publicados aos domingos. Diversos jornais de outros estados os republicavam.

Em 1950, publicou “*A cidade vazia*”, famosa crônica na qual descrevia Nova York como uma cidade desumanizada. Nela, as pessoas viviam solitárias e infelizes. Em meio ao turbilhão da grande metrópole, lutavam arduamente pela sobrevivência.

Terá rebuscado na memória passagens da obra de Eça de Queiroz, tão ardorosamente lida na juventude? No livro “*A cidade e as serras*”, José Fernandes, amigo do protagonista Jacinto Tormes, imprecava:

“A cidade é a maior ilusão! (...) Os sentimentos mais genuinamente humanos logo na cidade se desumanizam! (...) Na cidade (...) o homem aparece como uma criatura anti-humana, sem beleza, sem força, sem liberdade, sem riso, sem sentimento, e trazendo em si um espírito que é passivo como um escravo ou impudente como um histrião.”

Um cartório de presente do sogro

Fernando Sabino foi casado, em primeiras núpcias, com Helena Valadares Sabino, filha de Benedito Valadares, então governador de Minas Gerais.

Por influência do sogro, foi titular de um cartório no Rio de Janeiro, repetindo muitos escritores brasileiros que ocuparam cargos públicos para sobreviver.

Machado de Assis, por exemplo, começou a trabalhar como operário de gráfica. Depois se tornou revisor de editora, vendedor de livros, jornalista e eficiente escriturário de uma repartição pública.

Carlos Drummond de Andrade mudou-se de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro para ser chefe de gabinete do ministro da Educação, o seu amigo Gustavo Capanema. Destacou-se como dedicado burocrata ao longo de toda a vida.

O escritor mineiro Autran Dourado relembrou os tempos em que foi secretário de imprensa do presidente Juscelino Kubitschek. Travou-se, entre ambos, o seguinte diálogo:

“Então o que você quer de mim, por que veio para o Rio comigo? disse Juscelino. Um emprego, não muito pesado, que me deixe as manhãs livres para que eu possa me dedicar com exclusividade aos meus romances, disse eu. Que não me ocupe a cabeça. Um lugar de procurador da prefeitura? disse ele me sondando. Não, eu não teria as manhãs livres, pois deveria cuidar de aborrecidos pareceres jurídicos, disse eu. O de que careço é ter a mente livre. Então só há um lugar para você – cartório, disse ele. Se não fosse pedir muito... disse eu.”

Sabino e Helena separaram-se. Ele devolveu o cartório ao governo.

Em 1957, Carlos Lacerda escreveu crônica para destacar a atitude de Sabino. Era o único brasileiro conhecido, em mais de quatrocentos anos de existência do país, que praticara semelhante gesto.

O escritor mineiro, mais tarde, negou que tivesse “*jogado o cartório pela janela*”:

“Assim como eu hoje cheguei à conclusão de que não passaria dos 60 anos, dependendo de escrever para jornal, cheguei à conclusão de que não passaria dos 30, dependendo de um cargo público, ainda mais de um cartório que me foi dado porque era casado com a filha do governador. Então, não fiz nada por merecer.

“A cidade é a maior ilusão! (...) Os sentimentos mais genuinamente humanos logo na cidade se desumanizam!”

Quando me separei dela, não tinha mais razão de ter um cartório. Foi isso. (entrevista, 1989).

Biscoitos, em vez de pirâmides

Desde a adolescência, Fernando Sabino publicava textos literários nas revistas "Alterosa" e "Belo Horizonte". Conquistou diversas premiações em concursos de literatura. Publicou crônicas e artigos em vários jornais, sobretudo nos mineiros e cariocas.

Reuniu seus primeiros contos no livro "Os grilos não cantam mais" (1941). Além de vários livros de crônicas, publicou os consagrados romances "O encontro marcado" (1956) e "O grande mentecapto" (1979).

Fundou, com outros editores, a "Editora do Autor" (1960) e a "Editora Sabidá" (1966).

Em 1973, criou, com David Neves, a "Bem-te-vi Filmes". Produziram curtas-metragens com escritores brasileiros.

A partir de 1987, passou a assinar a coluna "Dito e Feito", do jornal "O Estado de S. Paulo".

Recebeu, em 1999, o Prêmio Machado de Assis, conferido pela Academia Brasileira de Letras, a mais importante premiação literária do país.

Indagado se o cronista de jornais dispersou um pouco o ficcionista Fernando Sabino, respondia que "todo mundo que escreve, no Brasil, tem como modelo e como inspiração um exemplo, que é o do Machado de Assis". Machado, no entanto, possuía "numerosa obra de crônicas, (...) quase esmagadora em relação a quatro ou cinco romances importantes que ele escreveu, na realidade, três" (entrevista, 1989).

O jornalista e escritor Ruy Castro perguntou a Sabino:

"Há uma velha frase de que tudo o que é fácil de ler é muito difícil de escrever. Todos os seus livros são muito fáceis de ler".

A resposta:

"Muito obrigado. (...) Eu fiquei muito tocado por isso, porque realmente custa muito esforço para ser simples, é um trabalho terrível para você conseguir chegar a essa simplicidade que parece que é fácil de ler e, portanto, parece que foi fácil de escrever. E eu fiquei muito gratificado agora de você ter dito que é fácil de ler" (entrevista, 1989).

Castro também escreveu em crônica:

"Guimarães Rosa vivia dizendo para Fernando Sabino: 'Não faça biscoitos, Fernando, faça pirâmides'. Queria dizer que, em vez de crônicas — gênero em que era quase insuperável, mas, para Rosa, não passavam de biscoitos —, Sabino deveria escrever romances, ou seja, pirâmides. E Guimarães Rosa tinha uma senhora pirâmide para mostrar: 'Grande Sertão: Veredas', um épico, uma odisseia, um 'Ulisses' a cavalo.

"O modesto Sabino poderia argumentar que também já tinha feito a sua pirâmide — talvez uma pirâmidezinha —, 'O Encontro Marcado' (1956), um romance muito admirado. Mas eram os biscoitos que lhe pagavam o aluguel".

“Eu fiquei muito tocado por isso, porque realmente custa muito esforço para ser simples, é um trabalho terrível para você conseguir chegar a essa simplicidade que parece que é fácil de ler e, portanto, parece que foi fácil de escrever.”

O aprendizado com Mário de Andrade

Em 1942, Fernando Sabino passou a se corresponder, por cartas, com o famoso escritor paulista Mário de Andrade, um dos ícones do Modernismo, movimento iniciado em 1922:

“Talvez tenha sido o acontecimento mais importante da minha vida literária. (...)”

“Eu estava com 18 anos, tinha acabado de publicar um livro de contos. E tinha mandado esse livro para ele, e ele me respondeu com essa carta, que foi uma coisa fantástica na minha vida, foi um grande acontecimento.”

“E a partir daí nós iniciamos uma correspondência, em que ele, com uma paciência bovina, aguentou esse rapazinho pernóstico, e desaforado, e tímido, e atrevido, que escrevia perguntando tudo, e ele se dispôs a responder tudo, todos os grandes problemas que passam pela cabeça de um quase adolescente.”

“Do ponto de vista literário, (tirei todas as lições) que eu podia tirar, e do ponto de vista humano também.”

“Nós vivíamos numa época em que estava sendo questionado o problema da participação do artista em relação ao mundo, porque era a época da Guerra (Segunda Guerra Mundial), época do fascismo em plena efervescência, o Brasil entregue à ditadura de Getúlio. Tudo isso provocava uma necessidade de participação ativa do escritor com relação aos problemas de seu tempo.”

“E o Mário era muito imbuído disso, e nos conscientizou muito com relação a isso. Eu me lembro que tinha coisas assim que ele dizia: ‘a consciência é gratuita, mas a convicção é adquirida’. A consciência, todo mundo tem, agora, você adquire uma convicção – que nós sejamos até inimigos por convicção, mas que você se prepare para viver por essa convicção e, se preciso, morrer por ela. Essa lição me marcou muito fundo.”

“E eu achei que o caminho que ele ditou para mim dentro da arte era o caminho que eu sempre persequi dentro da literatura, que é o caminho do nhem-nhem-nhem, de ir devagarzinho, de não querer arrombar a porta aberta, de não querer vencer da noite para o dia. Ele até cita alguns que tentavam vencer da noite para o dia. (...)”

“Foi uma experiência absolutamente extraordinária e que jamais se repetirá com ninguém” (entrevista, 1989).

“Minas está onde sempre esteve. Eu levo Minas comigo onde eu estou, Minas está aqui nesta cadeira.”

Minas e a mineiridade

Fernando Sabino era muito imbuído da sua mineiridade:

“Minas está onde sempre esteve. Eu levo Minas comigo onde eu estou, Minas está aqui nesta cadeira. Agora, (...) se existe alguma coisa que consiste em ser mineiro vem a ser não se tocar nesse assunto” (entrevista, 1989).

“Ser mineiro é esperar pela cor da fumaça. É dormir no chão para não cair da cama. É plantar verde para colher maduro. É não meter a mão em cumbuca. Não dar passo maior que as pernas. Não amarrar cachorro com linguça.”

“Porque mineiro não prega prego sem estopa. Mineiro não dá ponto sem nó. Mineiro não perde trem. (...)”

“‘Evém’ o mineiro. Ele não olha: espia. Não presta atenção: vigia só. Não conversa: confabula. Não combina: conspira. Não se vinga: espera. Faz parte de seu decálogo, que alguém já elaborou. E não enlouquece: piora. Ou declara, conforme manda a delicadeza. No mais, é confiar desconfiando. Dois é bom, três é comício. Devagar, que eu tenho pressa. (...)”

“Um Estado de nariz imenso, um estado de espírito: um jeito de ser. Manhoso, ladino, cauteloso, desconfiado – prudência e capitalização. (...)”

“Mas todos os princípios se desmoronam diante de um bom lombo de porco com rodela de limão, tutu de feijão com torresmos, linguça frita com farofa. De sobremesa, goiabada cascão com queijo palmira. Depois, cafezinho requeijado com requeijão. Aceita um pão de queijo? Biscoito de polvilho? Brevidade? Ou quem sabe uma broinha de fubá? Não, dona, obrigado. As quitandas me apetece, mas prefiro um golinho de Januária, e pronto: estou ‘satisfeito’..”

“Falar de Minas, trem danado, sô. Vasto mundo! Ah, se eu me chamasse Raimundo. Dentro de mim uma corrente de nomes e evocações antigas, fluindo como o Rio das Velhas no seu leito de pedras, entre cidades imemoriais. Prefiro estancá-las no tempo a exaurir-me em impressões arrancadas aos pedaços, e que aos poucos descobriam o que resta de precioso em mim – o mistério da minha terra, desafiando-me como a esfinge com o seu enigma: decifra-me, ou devoro-te.”

“Prefiro ser devorado” (crônica “Minas enigma”).

Na crônica “Conversinha Mineira”, o forasteiro, em uma leiteria do interior de Minas, tenta conversar com o dono:

“(...)”

– Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na sua cidade?

– Sei dizer não senhor: eu não sou daqui.

– E há quanto tempo o senhor mora aqui?

– Vai para uns quinze anos. Isto é, não posso garantir com certeza: um pouco mais, um pouco menos.

– Já dava para saber como vai indo a situação, não acha?

– Ah, o senhor fala da situação? Dizem que vai bem.

– Para que Partido?

– Para todos os Partidos, parece.

– Eu gostaria de saber quem é que vai ganhar a eleição aqui.

– Eu também gostaria. Uns falam que é um, outros falam que outro. Nessa mexida...

– E o Prefeito?

– Que é que tem o Prefeito?

– Que tal o Prefeito daqui?

– O Prefeito? É tal e qual eles falam dele.

– Que é que falam dele?

– Dele? Uai, esse trem todo que falam de tudo quanto é Prefeito.

– Você, certamente, já tem candidato.

– Quem, eu? Estou esperando as plataformas.

– Mas tem ali o retrato de um candidato dependurado na parede, que história é essa?

– Aonde, ali? Uê, gente: penduraram isso aí...”

O ‘alter ego’, o mentecapto e a ministra

Em “O encontro marcado”, de 1956, o autor dissecou, em escrita ligeira e envolvente, dilemas existenciais da juventude. Será o protagonista Eduardo Marciano o “alter ego” do seu criador?

Eduardo Marciano aprendeu, com muita angústia e sofrimento:

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar, a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro”.

Sabino publicou “O grande mentecapto” em 1979, mais de trinta anos após haver iniciado a escrita do romance. Ele próprio se definia:

“Sabino sentiu
naquele drama
matéria de romance
da vida real,
do cotidiano que
todos vivemos e no
qual ele sempre se
inspirou para sua
obra de romancista
e cronista.”

“Eu sou defasado com relação à realidade, eu sou um mentecapto (...). Para poder atingir a normalidade eu tenho que escrever. É isso que me faz chegar ao nível dos meus semelhantes. É essa a atividade. Então é compulsivo escrever. Eu não sei o quê. Porque eu estou convencido de que o escritor que lida com a imaginação criadora, ao contrário do cientista, do professor, do ensaísta, ele escreve sobre aquilo que não sabe, exatamente para ficar sabendo. Eu fico assim: ‘que diabo é isso que me atormenta?’ Então eu tenho que escrever para saber o que é, inventar histórias, e tal” (entrevista, 1989).

O romance relata as andanças e peripécias de Geraldo Viramundo por Minas Gerais:

“Ai, Viramundo de minha vida, que vira Minas pelo avesso sem revelar aos meus olhos o seu mais impenetrável mistério. Ai, Minas de minha alma, alma de meu orgulho, orgulho de minha loucura, acendei uma luz no meu espírito, iluminai os desvãos do meu entendimento e mostrai-me onde se esconde esse vagabundo maravilhoso, esse meu irmão desvairado que no fundo vem a ser o melhor da minha razão de existir”.

Viramundo evoca – como tantos outros personagens literários – o cavaleiro Dom Quixote, do espanhol Miguel de Cervantes.

“Zélia, uma paixão”, publicado em 1991, é a biografia autorizada da ex-ministra da Fazenda Zélia Cardoso de Mello. Sabino foi bastante criticado por essa publicação, chamado até mesmo de “mercenário”.

Polêmicas à parte, considero a leitura muito proveitosa. O livro é bem escrito e contém uma grande lição histórica para todos os cidadãos brasileiros.

Zélia, a poderosa ministra do desastrado governo do presidente Fernando Collor de Melo, foi responsável pelo bloqueio de valores depositados em contas bancárias.

As pessoas foram surpreendidas e muitas levadas à ruína financeira. À época, a imprensa relatou diversos atos desesperados das pessoas comuns. Houve até mortes decorrentes de problemas cardiovasculares desencadeados pelo desespero.

O livro de Sabino revela o romance que a empoderada ministra Zélia manteve com o ministro da Justiça, Bernardo Cabral. Ele era casado e mais velho do que ela. O caso teve desfecho melancólico, com a ministra abandonada por Cabral em um hotel de Paris, no mês de maio de 1991.

Em 2004, Carlos Heitor Cony revelou que Sabino doara os direitos autorais de “Zélia, uma paixão” a uma entidade filantrópica:

“(Mas) o que magoou Sabino e seus amigos não foi isso. A imprensa em geral, e a crítica em especial, malharam o livro por ter dado dimensão literária ao caso de amor vivido pela ex-ministra, já nos estertores do governo Collor.

“Nada mais injusto e obtuso. Sabino sentiu naquele drama matéria de romance da vida real, do cotidiano que todos vivemos e no qual ele sempre se inspirou para sua obra de romancista e cronista. Nenhum propósito de bajulação. Quem conheceu Sabino ficou perplexo com a insinuação descabida, levantada por alguns críticos e resenhistas.

“Muito menos uma defesa da gestão de Zélia no Ministério

da Fazenda, que incluiria a defesa do confisco da poupança que tanto irritou o país inteiro. O livro de Sabino tem como ponto de partida e chegada a história da moça solteira e bonita que se apaixona por um homem mais idoso e casado. E paga um preço bem alto pela sua paixão. Paixão que pode ser vivida por uma comerciária, uma secretária, uma recepcionista e, por que não?, por uma ministra de Estado.

“Sabino trairia a sua condição de romancista se, ao captar a matéria que a vida nacional lhe oferecia, deixasse de escrever o que sentia e queria. E o fez, como sempre, com alta qualidade literária”.

O repouso do menino

Cercado pela família, Fernando Sabino faleceu em casa, no Rio de Janeiro, em 11 de outubro de 2004. Um dia antes de completar 81 anos. Véspera de 12 de outubro, seu aniversário e Dia da Criança.

Deixou escrito o próprio epitáfio:

“Aqui jaz Fernando Sabino, nasceu homem, morreu menino”.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. “*Antologia poética*”. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- AZEVEDO, Eliane. “*Retrato retocado*”. São Paulo: revista “Veja”, Editora Abril, edição de 15.12.1993, p. 141-142.
- “*Bíblia Sagrada*”. São Paulo: Paulus, trad. Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin, 1995.
- CASTRO, Ruy. “*Pirâmide sessentona*”, jornal “*Folha de S. Paulo*”, edição de 16.07.2016, p. A-2.
- “*Como o Plano Collor prejudicou alguns cidadãos*”, jornal “*O Estado de S. Paulo*”, edição de 29.09.2012, seção Economia.
- CONTI, Mario Sergio. “*Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor*”. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CONY, Carlos Heitor. “*Paixão segundo Sabino*”, jornal “*Folha de S. Paulo*”, edição de 20.10.2004, p. 2.
- DOURADO, Autran. “*Gaiola Aberta - Tempos de JK e Schmidt*”. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- “*Fernando Tavares Sabino*”. Jornal “*O Estado de S. Paulo*”, Acervo, disponível em <http://acervo.estadao.com.br/noticias/personalidades,fernando-sabino,947,0.htm>, acesso em 04.10.2016.
- “*Machado de Assis – Literatura Comentada*”. São Paulo: Abril Educação, org. Marisa Lajolo, 1980.
- “*Memória*”. https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Sabino Portal Minas Tênis Clube, 01 de Julho de 2013, disponível em <http://minastenisclubes.com.br/noticias/mister-america-no-minas/>, acesso em 23.01.2017.
- “*O último ‘mineiro do apocalipse’*”. Jornal “*O Globo*”, *Memória*, disponível em <http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/cronistas-e-colunistas/fernando-sabino-11027297>, acesso em 04.10.2016.
- PEREIRA, Helena Bonito C. Pereira. *O grande mentecapto: um Quixote contemporâneo*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, disponível em http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Publicacoes/Artigo_HelenaBonito_Grande_Ment_Quixote.pdf, acesso em 29.01.2017.
- QUEIROZ, Eça de. “*A cidade e as serras*”. Porto: Lello & Irmão Editores, 1950.
- SABINO, Fernando. “*A cidade vazia*”. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 4ª ed., 1961.
- _____. “*As melhores crônicas*”. Rio de Janeiro: Record, 14ª ed., 2010.
- _____. “*Conversinha mineira*”, in “*Quadrante*”. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2ª ed., 1962.
- _____. Entrevista ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo, em 25.12.1989. Portal Tiro de Letra, disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/FernandoSabino.htm>, acesso em 04.10.2016.
- _____. “*Minas enigma*”, in “*Quadrante*”. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2ª ed., 1962.
- _____. “*O encontro marcado*”. Rio de Janeiro: Record, 38ª edição, 1982.
- _____. “*O grande mentecapto*”. Rio de Janeiro: Record, 28ª ed., 1986.
- _____. “*Zélia, uma paixão*”. Rio de Janeiro: Record, 4ª ed., 1991.
- WERNECK, Humberto. “*O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*”. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

“Sabino trairia a sua condição de romancista se, ao captar a matéria que a vida nacional lhe oferecia, deixasse de escrever o que sentia e queria.”

Duas estrelas

Christiane de Almeida Alvim
Juíza de Direito em Frutal

O teto branco reflete
 A luz que ofusca teus olhos
 As dores vêm e vão
 Dores nas entranhas
 Que não se acabam mais

No teu útero
 A lembrança de duas estrelas
 Que se riram, brincaram
 E adormeceram

Dois botões de rosa colhidos a destempo
 Pelas misteriosas razões da Criação
 Dois botões que repousam
 No regaço da Santa Virgem
 À espera de sua mãe

Foste mãe desde o dia em que aceitou
 Essas duas estrelas dentro de ti
 E que hoje estão a te esperar
 Como anjos de luz que não podes ver

Mas que sabes que existem
 Bem perto de ti.



Dois poemas

José Maria Vieira Starling
Juiz aposentado

Ária: oferenda

Eu quero uma canção
Ária em sol, lua em lamento
Acalanto, cantochão
Noturna voz do vento

De um desejo ardente
Delicado punhal
Que toque sua alma e a contente,
Num golpe fino e fatal

Canto de sentimento
Espinho felino de flor
Que sangue suor e perfume
Ária em sol - adágio lento
- Alegria depois do amor...

Prelúdio em blues

O amor tem dupla face
O amor tem dupla chama
Suave chama que aquece
Chama ardente que inflama

Uma flor do campo
Serena, vestal
Uma rosa ardente
Meu bem meu mal

Uma bailarina,
Azul sideral
Uma luz de fogo
Carmim, carnaval

Um sol nascente
Suave luz
Canção dolente
Prelúdio em blues



Três poemas

Llewellyn Medina

Desembargador do TJMG, aposentado

O tecelão

A teia de aranha denuncia
vazios silêncios de solidão
a redenção nunca tecida
a quietude de quimeras
desvios de nossa devassidão.

Notícia de jornal

“**E** ntrou pela janela”
ouviu-se alguém dizer em seu desespero
e a Grande Ceifadora com artimanha medonha
fez cessar o ar
apagou o azul do céu azul
o horizonte perdeu-se distante
os anseios também
foi-se até a tênue dor sentida
não como uma borboleta entrada pela janela
a bala
a bala
a bala perdida.

Despir o silêncio

G eladeira geme em triste e monocórdia língua
pés desavisados evitam elevador
levitam monótonos compassos nos degraus da
escada

lápide que encerra o nada
som de privada
vida e não vida escorrem por passos
sufocam sons espasmódicos
veias e artérias entupidas de colesterol
um cão inconformado
“que de hora em hora me arranca um pedaço”
seu balsar alado rompe pela soleira da porta
seu modo de dizer seu compasso
sua solitária contribuição de cão
minha vida inútil na coleira.

- colibris do amor!



Poembiental para Lavras Novas

Amaury Silva

Juiz de Direito em Governador Valadares

Se a sede barroca seguir
os presságios da geologia
museus, igrejas e o tombamento
virão às ruínas

Se ficar sem suporte o Morro de São Sebastião
sem qualquer remendo
que surja da mineração
para salvar ou aliviar as dores

Seguiremos pela estrada em curva
com o cuidado de não esbarrar
na pedra do equilíbrio
com fome de morar na alta vila

Ah, Lavras Novas povoada
onde estarão suas regras de trânsito
seguirei a expedição nefelibata
ovacionarei os longínquos mirantes

Quero banhos na Prazeres
Toda a bacia do Custódio
Quero o moderno dos visitantes
Quadriciclos e o rústico do Kazulo

Paz sem minério
Vida sem mistério
Outorga de liberdade
Terra celestial

Quero meu naco, meu lote, meu quinhão
Se não for possível
Quero ao menos respirar, andar no chão
Pois sou negro, carijó e branco

*Poema integrante do livro
"O Rio Doce e outros poembientais", a publicar.*



Sons de amor

Elson de Paula e Silva

Juiz aposentado

Amar-te assim,
no encanto do sentir,
o que todo olhar resume,
na leveza de teus gestos
que a linda flor percebe,
quer imitar, não consegue,
desperta ciúme!

Amar-te assim, sem juras,
ouvir silente o coração,
tudo tão simples,
tão como,
um encontro de mãos.
Amar-te assim, sem porquês,
sem tudo o que explicar,
só tocando teu corpo
e me esquecendo em teu olhar.

Por fim dou-te uma rosa,
a lua já é nossa!
Estrelas ficam a espiar!



Felicidade clandestina

(Para Clarice)

Fernando Armando Ribeiro
Juiz do TJMMG

A felicidade é mesmo clandestina
Só vem a reboque
Sem a face mostrar

Querer retê-la
É saltar sobre nuvens
Alcançar o horizonte
Dar pontos no ar

Fugidia, evasiva
É preciso silêncio
Saber contemplar

Seu tempo é o agora
Seu caminho
- tão simples -
É ser, sempre
Onde se está





A grandeza esquecida de Nicolau Copérnico

Luiz Carlos Biasutti

Desembargador do TjMG, aposentado

Alguns dicionários, mesmo nos nossos dias, foram bem breves na biografia deste gênio. No “*Novo Dicionário Prático Luso-Brasileiro*” (Editora Larousse), por exemplo, aparecem apenas seis magras linhas, no terceiro volume:

Célebre astrônomo polaco que demonstrou o duplo movimento dos planetas sobre si mesmo e em volta do Sol.

Teoria que foi condenada pelo Papa como contrária às Escrituras.

Na “*Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*” (Edições Delta, Koogan / Houais, edição de 1997) outro breve comentário:

Astrônomo polonês, nascido em Torum, em 1473, e falecido em Frauenburg, 1543. Demonstrou os dois movimentos dos planetas sobre si mesmos e em torno do Sol e, alguns meses antes de morrer, publicou seu célebre trabalho: “Das Revoluções dos mundos celestes”.

Mas Copérnico, observando o firmamento, descobriu o que seria a verdadeira Astronomia, ainda hoje aceita por todos. O estudo do Universo, antes dele, era de um atraso incrível. Astrólogos e não astrônomos, adivinhos e autores de horóscopos foram perseguidos e muitos queimados em fogueiras pela Inquisição.

Os escritores norte-americanos Wall e Ariel Durant em sua importante “*História da Civilização*” (Volume VI), narram coisas espantosas sobre os cristãos em geral, que acreditavam na possibilidade de obter poderes sobrenaturais através de Lúcifer e seus demônios, medo que estava profundamente arraigado pelas palavras de falsos pregadores que propagavam o fim do mundo na França.

Paixão pela Astronomia

Nicolau Copérnico nasceu no dia 19 de fevereiro de 1473. Seus ancestrais eram alemães, mas, nas disputas por limites territoriais, a cidade de sua família ficou pertencendo à Polônia.

Quando o jovem Nicolau perdeu o pai, o tio materno Lucas Watzenrode foi o benfeitor dos sobrinhos, dando total amparo a Nicolau e seus três irmãos, que concluíram os primeiros estudos na própria cidade natal.

O tio de Copérnico, que era bispo, resolveu que seus sobrinhos deveriam ter educação universitária e conhecer o mundo. Insistiu, ainda, para que Nicolau parasse de se dedicar à Astronomia e estudasse Direito e Medicina. Copérnico

“O estudo do Universo, antes dele, era de um atraso incrível. Astrólogos e não astrônomos, adivinhos e autores de horóscopos foram perseguidos e muitos queimados em fogueiras pela Inquisição.”

bacharelou-se em Direito na cidade de Ferrara, Itália, e também em Medicina. Voltou para a Polônia mas não ficou muito tempo, principalmente por não gostar do estudo na universidade de Cracóvia.

Copérnico regressou em 1500 para a Itália, aonde estudou em Bologna, Roma e Pádua. Em 1541, fez a suma de suas conclusões sobre a teoria verdadeira do Heliocentrismo, em contraposição ao Geocentrismo: sol parado e a terra girando nos movimentos de rotação e translação. Fez várias cópias para os amigos “como balões de ensaio”. Voltou para a Polônia como secretário e médico do tio. Atendia os doentes sem cobrar. A paixão de Copérnico era a noite, para fazer seus estudos sobre os astros. Passava noites e noites na visão do firmamento.

Foi nessa época que ele apresentou as principais teses que defendia:

- 1ª - Não existe um círculo ou esfera celestial;
- 2ª - O centro da Terra não é o centro do Universo;
- 3ª - O sol é o centro do Universo e todos os planetas giram em volta dele;
- 4ª - A Terra gira em torno de si mesma em 24 horas (rotação);
- 5ª - A Terra gira em redor do Sol em 365 dias e um quarto (translação).

Renovador da ciência

Mas, caro leitor, como concluiu muito bem Jack Repcheck (que modernamente escreveu o livro *"O segredo de Copérnico"*), Copérnico fez duas coisas que não podem ser esquecidas.

A primeira: com bravura (e não por temer a prisão), ousou, com sua teoria, contradizer o maior dos filósofos gregos, Aristóteles, e o astrônomo Ptolomeu.

A segunda: ele trabalhou a partir de princípios básicos e convenceu aos estudiosos que abraçaram e propagaram a sua obra.

Somente em 1687, quando Newton descobriu a gravitação universal, tudo fez sentido e não foi mais possível deter a ciência moderna. A rotação diária da Terra em torno do seu eixo, no entanto, foi provada somente em 1855, quando Jean Bernard Léon Foucault montou seu famoso pêndulo, que completou um movimento em 24 horas, como um verdadeiro relógio.

Nicolau Copérnico foi o renovador da ciência moderna. E, no entanto, tudo começou com um homem obscuro, vivendo em lugar remoto, com instrumentos primitivos. No inverno de 1542-1543, doente, aguardando para encontrar Deus, cuja bela criação vira da forma mais clara que qualquer outro homem até então, teve pelo menos uma pequena ideia do grande impacto de sua obra: recebeu a notícia que a sua obra estava impressa e chegando em sua cidade.

O livro da obra prima de Nicolau Copérnico apareceu, finalmente, na primavera de 1543, com o título *"De revolutionibus orbium coelestium"* (Das Revoluções das Orbes Celestes). Um dos primeiros exemplares chegou às mãos de Copérnico em 24 de maio de 1543, já em seu leito de morte. Vários escritores dizem que "leu o frontispício, sorriu e morreu na mesma hora". Poucos dias depois, a Inquisição proibiu a leitura da sua obra, proibição que durou até 1800.

Referências Bibliográficas

- DURANT, Will; DURANT, Ariel. *História da Revolução: A reforma*, Volume VI. 2ª ed. Editora Record, 1957. O casal Will Ariel e Durant Ariel em sua obra, com mais de 700 páginas, em que um terço é sobre a 'Ciência no Tempo de Copérnico', realça a ignorância da época, com infelizes bruxas condenadas à fogueira, demônios andando pela terra, viajantes mentirosos, bobagens e mentiras. O filósofo Giordano Bruno, italiano, no combate aos anticopernicanos acabou queimado na fogueira em Roma, como herege;
- *Enciclopédia e Dicionário Koogan Houaiss*. Editora Delta, 1997;
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia*. 2ª ed. Editora Zahar, 2007. Copérnico é citado 11 (onze) vezes;
- *Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*. Editora Larousse – Tomo III;
- REPHECK, Jack. *O Segredo de Copérnico: Como a revolução científica começou*. Editora Record: Rio de Janeiro – São Paulo, 2011. Sua obra foi elogiada pela imprensa mundial. Realmente, nenhum outro autor escreveu sobre Copérnico de forma tão vívida e documentada. Basta dizer que foi duas vezes com a família para a região onde viveu Copérnico, para sentir o valor do maior sábio dos astros.

“Atendia os doentes sem cobrar. A paixão de Copérnico era a noite, para fazer seus estudos sobre os astros. Passava noites e noites na visão do firmamento.”



Óleo sobre tela da artista plástica Hirtés Torres, capa do livro 'O caçador de orquídeas'.

A flor de Eros

Carlos Roberto Loiola

Juiz de Direito em Belo Horizonte

A flor, por ser o órgão sexual da planta, é o símbolo mais belo que há do erotismo. E a orquídea, por suas características florais, sempre foi considerada a mais erótica de todas as flores. Segundo Susan Orlean “*as orquídeas despertam a paixão mais que o romantismo e são as flores mais sexy do planeta*”.

Na Grécia antiga já se falava do erotismo das orquídeas. Aliás, o nome orquídea vem da palavra grega *orchis*, porque seu taxonomista, muito provavelmente saído desnudo de uma daquelas festas de Baco, teria se inspirado num órgão de seu próprio corpo para batizar a *Orchis láctea rhizotubers*.

Com efeito, o sofisticado mecanismo desenvolvido pela orquídea para evitar a autopolinização da flor, que muitos identificam como uma “promiscuidade do sexo floral”, sempre fascinou o homem. O que poucos sabem, contudo, é que essa decantada promiscuidade nada mais é de que uma engenhosa armadilha de amor.

Quando os espanhóis chegaram ao México, notaram que o rei Montezuma cultivava uma espécie de orquídea cuja bebida com ela produzida era tão afrodisíaca que somente ela poderia justificar a enormidade de seu harém. Os castelhanos não tiveram dúvidas: embriagados pelo delicado perfume da baunilha deram para essa milagrosa espécie de orquídea, cuja vagem possui um curioso formato, o nome de Vanila, que nada mais é, no idioma deles, uma pequena vagem, uma vagina.

Ninfas gregas sempre foram homenageadas na taxonomia das orquídeas e a mais linda delas homenageou uma brasileira, a famosa *Laelia*. A namorada de Apolo, a soberba *Acacállis*, é a ninfa que inspirou o nome de outra orquídea da Amazônia. Até o refúgio de nascimento das ninfas, a ilha de Paphos, onde Vênus descansava, homenageou outra orquídea, a *Paphiopedilum*.

Pleurothállis papillosa (trad: que possui mamilo saliente), *Maláxis pubéscens* (trad: que tem textura mole e é coberto de pelos), *Mormodes buccinátor* (trad: que tem forma de trombeta), *Maxilária porréccta* (trad: com ápice alongado), *Epistéphium subrépens* (trad: que se introduz por baixo), *Bulbophyllum vaginatum*, *Campylocentrum pubirháchis*, *Cránichis nudilábia*, *Isabelia virginalis*, *Laelia crispilábia*, *Encyclia grávida*, *Telipogon venustus*, *Dichaea cornúta*, *Epidéndrum robústum*, *Catasetum saccatum*, *Lockhártia ludibúnda*, *Gomesa séssilis*, entre outros, são nomes de orquídeas que despertam a curiosidade. Em quê pensavam os taxonomistas quando escolheram essas indiscretas designações? E o que dizer de uma espécie formosíssima conhecida de todos por *Laelia liliputana*?

Curioso: padres sempre gostaram de cultivar e estudar essas intrigantes plantas. Existem muitos artigos e livros sobre orquídeas escritos por eles. O maior estudioso da taxonomia delas, no Brasil, foi um padre². Charles Darwin também adorava essas plantas, principalmente estudar os mistérios do sexo floral. Acerca da *Angraecum sesquipedale*, escreveu o grande cientista

que deveria existir algum inseto muito estranho, com uma ‘língua’ gigantesca, que pudesse polinizá-la. Esse bizarro inseto somente foi descoberto recentemente.

O último poema escrito por Cecília Meireles foi sobre orquídeas.

As três orquídeas
As orquídeas do mosteiro fitam-me com seus olhos roxos.
Elas são alvas, toda pureza,
com uma leve mácula violácea para uma pureza de sonho
triste, um dia.
Que dia? que dia? dói-me a sua brevidade.
Ah! não veem o mundo. Ah! não me veem como eu as vejo.
Se fossem de alabastro seriam mais amadas?
Mas eu amo o terno e o efêmero e queria fazer o efêmero
eterno.
As três orquídeas brancas eu sonharia que durassem,
com sua nervura humana,
seu colorido de veludo,
a graça leve do seu desenho,
o tênue caule de tão delicado verde.
Que elas não veem o mundo, que o mundo as visse.
Quem pode deixar de sentir sua beleza?
Antecipo-me em sofrer pelo seu desaparecimento.
E aspira sobre elas a gentileza igualmente frágil,
a gentileza floril
da mão que as trouxe para alegrar a minha vida.
Durai, durai, flores, como se estivésseis ainda
no jardim do mosteiro amado onde fostes colhidas,
que escrevo para perdurares em palavras,
pois desejaria que para sempre vos soubessem,
alvas, de olhos roxos (ah! cegos?)
com leves tristezas violáceas na brancura de alabastro.³

A descrição feita por Guimarães Rosa, em “Sagarana”, sobre uma dessas princesinhas do agreste mineiro é tão linda que pode ser considerada um poema lírico:

“E nas ramas, rindo, cheirosos epidendros, com longos labelos marchetados de cores, com pétalas desconformes, franzidas, todas inimigas, encrespadas, torturadas, que lembram bichos do mar róseo-maculados, e roxos, e ambarinos — ou máscaras careteantes, esticando línguas de ametista”⁴.

Até os cétricos escreveram sobre orquídeas, diante do fascínio que essas intrigantes flores provocam. Nelson Rodrigues deixou-nos um trágico conto, de uma esposa tida pelo orgulhoso marido como “*tão fiel que jamais havia tomado injeção que não fosse no braço*”, mas cuja traição é descoberta no velório da

infiel, quando o viúvo enganado descobre que a coroa de dalias que ele havia mandado fazer em homenagem à sua amada havia sido superada por uma exuberante, escandalosa e gigantesca coroa de orquídeas, enviada pelo amante da falecida⁵.

No último e mais intrigante poema de “A rosa do povo”⁶, do período mais lírico de Carlos Drummond de Andrade, a orquídea roubou a derradeira cena da rosa, como a amante ignota que entra no velório para espanto da viúva que se descobre enganada:

Áporo

*Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape.*

*Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?*

*Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:*

*em verde, sozinha,
antieuclidiana,
uma orquídea forma-se.*

O livro de Novalis que lançou o romantismo⁷ trata da busca da flor azul, uma metáfora acerca da possibilidade de se encontrar o amor perfeito numa flor. Mas se a flor azul referida pelo poeta alemão for uma orquídea, haverá de ser, então, a flor de veludo azul.

Na época das grandes navegações não foi diferente; pelo apelo erótico dessas plantas, as empresas começaram a enviar coletores às longínquas florestas do mundo todo, à procura de novas espécies. Esses coletores eram orientados a levar para lá lotes de 30 mil plantas, de uma só vez e arriscavam suas vidas nessas viagens perigosas e eram considerados verdadeiros heróis nacionais quando lá chegavam e as histórias de suas aventuras eram escritas, lidas, contadas e recontadas como novelas.

Esses verdadeiros “*Cavaleiros das Cruzadas do Século XIX*” para enganar uns aos outros e não revelarem os locais de sítios naturais descobertos utilizavam de tantos ardis, astúcias, emboscadas e estratégias que somente se pode compará-los aos próprios ardis utilizados pela femme fatale para enganar seus polinizadores.

Há muitas histórias de caçadas de orquídeas, nos livros e revistas, pelo mundo inteiro, mas nenhuma delas pode se comparar com a que ocorreu com uma orquídea brasileira. Uma caçada que durou nada menos que 70 anos!

Com a abertura dos portos, ocorrida em 1808, muitos estudiosos para cá vieram, ávidos pelos conhecimentos das ciências naturais. Um desses estudiosos foi o naturalista inglês William Swainson. Ele veio estudar caramujos, conchas, insetos, minerais e plantas. Aproveitando as diversas paradas do navio em que viajava, foi fazendo ele diversas incursões, pela costa brasileira, coletando material para suas pesquisas. Ao final de

sua viagem colocou todo o material coletado em caixotes e o enviou para a Inglaterra, aos cuidados de seu professor Hooker.

No meio de todo o material coletado o professor encontrou um toco coberto de líquens onde havia pequenas plantas, que pareciam ser orquídeas, encaminhando-as para o Dr. Lindley, que confirmou serem realmente orquídeas e tratou de cultivá-las. Em 1821 essas orquídeas lançaram suas primeiras flores e o deslumbre foi total, tendo sido considerada a mais bela orquídea do planeta.

Começava aí a mais extasiante de todas as caçadas de orquídeas, para se encontrar o habitat dessa maravilhosa planta, mas a única pista que se dispunha era de que os caixotes haviam sido remetidos do porto do Rio de Janeiro. Durante 70 anos, dezenas de naturalistas, botânicos, floricultores, caçadores, padres curiosos, amantes de orquídeas, comerciantes, até solteironas dadas aos desenhos artísticos para cá se dirigiram numa busca frenética que começou pelos morros cariocas e especulou o Brasil inteiro.

A espetacular busca somente findou-se em 1889, quando Erich Bungeoth, um alemão a serviço da Casa Linden, em plena mata amazônica encontrou seringueiros vindos de Pernambuco e, num lance de muita sorte, estes lhe relataram que havia ‘parasitas’ com flores grandes e belas nas matas daquele Estado. O experiente caçador de orquídeas não teve dúvidas e para lá se dirigiu e descobriu, depois de 70 anos, uma das mais belas orquídeas, a *Cattleya labiata autumnalis* Lindley.

A mais erótica de todas as orquídeas, contudo, a *Cattleya warneri* T. Moore *caerulea*, o mais sensual exemplar da flor de Eros, esta foi encontrada nas terras alterosas de Minas Gerais, vegetando, quem diria, pertinho do Convento do Caraça e a grande aventura de sua descoberta está descrita no livro “*O caçador de orquídeas: os enigmas dos táxons capiaus e a charada do bicho-de-sete-cabeças*”, de minha autoria, uma estrambótica aventura literária pela Estrada Real em busca da flor de veludo azul, romance laureado com o *IV Prêmio Literário Carlos de Oliveira*, promovido pelo município português de Cantanhede, que em breve será lançado no Brasil.

“A mais erótica de todas as orquídeas, contudo, o mais sensual exemplar da flor de Eros, esta foi encontrada nas terras alterosas de Minas Gerais.”

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINAIS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológicos.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo *site* e demais veículos de comunicação da Amagis.

A AMAGIS, consciente das questões sociais e ambientais, utiliza papéis com certificado FSC® (*Forest Stewardship Council*®) para a impressão deste material. A certificação FSC garante que a matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e outras fontes controladas.



Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro
Belo Horizonte . MG
CEP 30310-160
Tel.: 31 3079-3453
magiscultura@amagis.com.br

www.amagis.com.br

Apoio Cultural



Apoio Cultural



A Melhor Energia do Brasil



ISSN 1984500-1



177198450004